

colecção  primeiros passos

141 ✓

31
571g
1/e



Wanderley Codo
O QUE É
ALIENAÇÃO

editora brasiliense

O QUE É ALIENAÇÃO

O que é o que é, que é e não é?

Difícil? Pois bem, quando falamos em alienação, estamos falando do mistério de ser e não ser, ao mesmo tempo, no mesmo momento.

O termo, quando usado no comércio, pode nos dar pistas: você compra um carro e não tem todo o dinheiro necessário, vai até o banco e o gerente lhe empresta o restante. Para que o empréstimo saia, é preciso que você leve o certificado do veículo, que depois lhe é devolvido com um carimbo: Alienado. Se amanhã você quiser vender seu carro, não pode enquanto o carimbo continuar ali, se você não pagar a dívida o simpático e prestativo gerente do banco lhe toma o carro e você não mais o verá. Em uma palavra: um carro ou um bem qualquer que esteja alienado é seu e não é seu ao

mesmo tempo, porque você pagou e não pagou por ele.

Os antigos, quando se referiam à loucura, usavam o termo "alienação mental". Se você se comporta como Napoleão Bonaparte, ou pensa que é ele, você seria considerado um alienado. O louco, segundo essa concepção, é alguém que deixou de pertencer a si mesmo, é um estranho perante si próprio. Uma das explicações para a loucura, nessa época, era a de que o sujeito estava tomado por espíritos (ou pelo demônio). Alguém que não sou eu, me invadiu e me representa.

Aqui também a palavra alienação aparece como uma síntese da magia de ser e não ser.

É comum dizer que as drogas são alienantes, ou provocam alienação pela mesma razão. Um grupo de rock (Pink Floyd), ao se referir a experiências alucinógenas, dizia: "Há alguém em minha cabeça que não sou eu". O usuário de alucinógenos é chamado freqüentemente de "muito louco", pode-se dizer que drogas como o LSD, cocaína, maconha provocam em quem as usa uma sensação de estranhamento, de estar "fora de si".

Em primeira vista d'olhos sobre o problema, eis a que chegamos: Perguntar/responder sobre o que é alienação, é responder/perguntar sobre a fronteira entre o ser e o não ser. O homem alienado é um homem desprovido de si mesmo. Se a história distancia o homem do animal, a alienação re-animaliza o homem. Se nos reconhe-

çamos como um ser único e indivisível, a alienação explode a nossa individualidade, através dela o homem é a sua negação. É preciso entender como o homem se constrói, para que saibamos como ele se nega. Como o homem se hominiza?

Escolher o ponto de partida para responder às questões já formuladas é fácil, basta observar a história, a palavra HISTÓRIA é sinônimo da evolução do trabalho dos homens. Foi através do trabalho que o homem se construiu. Nossa herança e nossos projetos se materializam por e pelo trabalho, ponto de intersecção entre o passado e o futuro, sinônimo de História. Investigar sobre o ser do Homem nos obriga a partir do fazer do Homem. Partiremos do trabalho.

Os dois trabalhos, irmãos e inimigos

É que o trabalho é ao mesmo tempo criação e tédio, miséria e fortuna, felicidade e tragédia, realização e tortura dos homens.

Vejamos, seja um indivíduo qualquer que tenha um trabalho pesado. João passa a semana carregando caixas, usa à exaustão os músculos, se exaure, sua, se irrita, "não vê a hora de soar o relógio de ponto e voltar para casa", ao chegar mal tem ânimo para a televisão, dorme cedo, levanta mal-humorado, vive cansado, infeliz, os dias se

arrastam.

Enfim, a semana de trabalho acaba, João aliviado passa pelo bar para conversar. Resolve desafiar o pessoal do outro bairro para uma pelada, define o campo de futebol, bola, camisa, quem será o goleiro e o centro-avante... Arruma camisa e calção, toma o mesmo ônibus que o serviu durante a semana, chega ao campo de futebol, usa à exaustão os músculos, se exaure, sua, se irrita, briga com o juiz, se cansa e volta feliz, reanimado para voltar à fábrica no dia seguinte. (?)

Se o nosso João fosse um trabalhador intelectual, poderia descansar jogando xadrez, se aposentado, planta uma horta ou se transforma em artesão, se estudante, faz teatro.

Todos "descansamos" do trabalho com trabalho, todos lutamos pelo direito ao lazer e pelo direito ao trabalho, nos orgulhamos e nos envergonhamos do nosso trabalho.

Vamos usar a nossa imaginação, fazer de conta que podemos separar o trabalho/criação do trabalho/tortura. Tudo bem, se eu e você tivermos presente que, apenas na fantasia, é possível divorciar os dois trabalhos, as duas cabeças da esfinge. Convido você a trabalhar comigo.

Vamos construir uma banqueta, dessas simples: quatro pés de madeira e uma tábua para sentar ou apoiar um telefone, por exemplo, a única condição é que paremos a cada momento para refletir sobre o que ocorreu.



... ao mesmo tempo criação e tédio, miséria e fortuna,
felicidade e tragédia ...

O trabalho de criação

Primeira tarefa: comprar a madeira.

Precisamos conversar entre nós, você explica suas preferências, eu as minhas, ambos pedimos instruções a marceneiros, depois de escolher a madeira iremos comprá-la, o que nos obriga a travar contato, mais ou menos diretamente, com todo o planeta. Da loja ao comércio, dos nossos cruzeiros ao FMI, etc., etc.; estamos entrando em um novo universo.

Neste caso, o trabalho aparece como um veículo de comunicação entre os homens, através dele eu e você nos apresentamos um ao outro. Você se transforma aos meus olhos, passa a ser alguém que gosta de imbuia, por exemplo. Você também se apresenta e se transforma na medida em que interage comigo, defende seus argumentos, aprende com os meus. Depois dessa relação e da madeira escolhida somos outra pessoa, perante o outro e perante nós mesmos; novos verbos, novas imagens, novos conceitos, outra consciência, novas relações com o outro.

Através do trabalho você se iguala e se diferencia de si e do outro em uma ciranda quase mágica, se exercita socialmente, transforma o outro e é transformado por ele.

Segunda tarefa: com as ferramentas.

Tendo a madeira, é preciso escolher as ferra-

mentas — serrote, martelo, formão — e aprender a manuseá-los.

O instrumento de trabalho é um meio de exercício da atividade, mediador entre o homem e a natureza, uma extensão de seu braço. Alguém criou o serrote, o martelo: o que era um simples gesto (cortar madeira) agora se transforma em objeto, com vida independente de cada homem, cada ser humano. E, mais do que isso, todos sabemos que não houve *um* homem que "inventou" o serrote, vários homens, várias gerações foram aperfeiçoando os instrumentos de trabalho, o serrote que vemos hoje é portador de toda a História da humanidade e exige de cada um de nós uma participação integrada a ela. Criado pelos homens, por sua vez, cria outros homens, criação e criador, cada instrumento de trabalho nos transforma em seres transcendentais, imortais, em uma palavra — históricos, "aprendendo e ensinando uma nova lição", escravo e senhor de si e do outro, do passado e do futuro, síntese do ser e do vir a ser.

Terceira tarefa: cortar a madeira.

Estamos impondo nossa vontade à natureza, para isso somos obrigados a aprender com ela. Uma nova concepção da madeira nos invade quando atuamos nela, é dura ou mole, forte ou fraca. Nova prática, novas idéias ("Não pensei que fosse assim", você poderia dizer).

O pensamento, produto de uma atividade,

mediado pelo instrumento de trabalho, surge e se desenvolve no exercício social. Cada conceito — forte, fraco, duro, mole —, cada palavra — sal, serrote, trabalho, alienação —, representa e reapresenta o universo humano, as sociedades, a história.

Quarta tarefa: montar o banco.

Aqui a natureza tornou-se parecida conosco. Olhe para o produto do nosso trabalho: o que era antes uma árvore, agora tem pés, o formato de nossas nádegas, a natureza tem formas semelhantes ao homem agora, uma utilidade para nós e um pouco de nós fala por ela. Nós também fomos transformados, somos outro depois do trabalho; nossos braços estão ligeiramente mais fortes, nosso dedo machucado, hábeis no martelo, conhecedores de madeira, lojas, preços e até dos hábitos de uma outra pessoa. Em síntese — transformamos a natureza, que também nos transformou.

E estiveram presentes no nosso trabalho: o lenhador, o marceneiro, o balconista, o burocrata do banco, a Casa da Moeda, a inflação e os responsáveis por ela no país e no exterior, toda a economia, política, cultura, ideologia; em suma, todo trabalho de todos os homens do mundo.

E nós? A banqueta que fizemos é portadora da nossa existência, somos nós, transformados em produto, imortalizados pela tarefa. Através dela estaremos a influenciar, transformar os gestos de outros homens: quem descansar em nosso banco, quem cair nele, quem gostar ou não, estará convi-

vendo conosco. Esta é a face bonita do trabalho, mas existe o outro lado da moeda: estou convidando você a fazer a mesma banqueta, só que dentro de uma fábrica.

O trabalho tortura

Largue o martelo, o serrote e a madeira. Agora você só precisa de um ônibus para se dirigir à Indústria de Banquetas e Acessórios S/A.

Primeiro momento: seleção de pessoal.

Pois é, tem muita gente querendo o mesmo emprego que você e existe apenas uma vaga. Aquele jovem no começo da fila começa a procurar emprego agora; o outro, já mais idoso, perdeu seu trabalho e tem medo de ficar desempregado, você quer o emprego por outras razões... Todos os vinte candidatos à vaga têm razões mais ou menos diferentes para estar aqui.

Mas, para a fábrica, são todos iguais, candidatos à vaga 01432, do cargo 23410. A fábrica igualou tudo aquilo que há de diferente entre vocês.

Vamos aos testes, entrevistas, experiências anteriores, inteligência, sociabilidade e vocês todos competem entre si, solidários que estavam na fila buscando o mesmo trabalho, são adversários procurando mostrar para a fábrica que cada um é melhor que o outro. A fábrica diferenciou

o que vocês tinham em comum.

Vale repetir, a fábrica iguala os homens apesar de suas diferenças e diferencia os homens, apesar de suas semelhanças.

Você passou nos testes e pode voltar amanhã, mas um pouco de sua dignidade ficou na porta, ali, naquela gaveta do departamento de pessoal . . .

No dia seguinte, você está de volta para começar o treinamento.

Segundo momento: integração e treinamento.

Entre um cafezinho e um sorriso amarelo da assistente social, você descobre que a fábrica tem normas. Você se vestirá como a indústria quiser, andará por onde ela quiser, se sentará em determinado espaço.

O chefe imediato observa você e, por sua vez, é observado por outro chefe, superior a ele. Assim vai, sucessivamente, até chegar ao patrão, isto é, o dono de tudo, um ilustre desconhecido. Em poucas palavras: tudo o seu cotidiano na fábrica será determinado por normas que você ignora, elaboradas por pessoas que você também desconhece, visando a atender objetivos que, para variar, estão obscuros. Toda essa estrutura produtiva da qual você faz parte se apresenta como um ser independente de você, estranho e ameaçador.

Mas, depois de mais um cafezinho e outros sorrisos insossos, lá vai você aprender sua tarefa: bater o prego que sustenta o terceiro pé da banquetta à base. Por uma gentileza, o supervisor de

treinamento até lhe mostra o banco inteiro (é quase igual ao que nós fizemos anteriormente) e aponta com o dedo — “este prego aqui”.

Explicam que assim dividida a tarefa fica mais rápida e que você e mais trinta operários serão responsáveis por fabricar 500 banquetas por dia. Orgulhoso, você começa o treinamento e depois de algumas horas já é capaz de bater os 500 pregos por dia, já pode ir para a linha de montagem.

Esperel! Repare bem, você fará 500 banquetas por dia e não saberia fazer nenhuma, produz, mas não domina a técnica de produção. Aquele conhecimento a que eu me referi continua existindo, só que ao invés de você se apropriar dele, foi ele que se apropriou de você. Quem diria, o trabalho, que é o meio de se dominar o mundo, dominou você!

Terceiro momento: produção.

Bate prego, bate prego, ba-te-pre-go. Ritmo, força, não pare, senão a linha de montagem enrosca, não corra também, pelo mesmo motivo. ba-te-pre-go . . .

Mou caro, seu trabalho explodiu, se transformou em força de trabalho, medida em tração e velocidade, como se faz com um animal e, diga-se de passagem, é assim que você se sente. Ba-te-pre-go, até o sinal do almoço. Alívio! Conversa com os parceiros do lado, bom humor, só agora reparou nas pessoas, a moça que trabalha lá na frente e, então, você volta a se sentir humano.

Bem, ba-te-pre-go, mais algumas horas e pronto, acabou o dia. Pelas suas contas, você produziu 500 banquetas, mas você é modesto, só lhe basta uma. Você vai até o depósito, pega uma banqueta e vai para casa. Tudo certo?

Errado, a vigilância chama a polícia, o maior escândalo, quase você vai preso por roubo e, o que é pior, perdeu o emprego. Desempregado, você percebe que não produziu para você mesmo.

Tanto faz o tipo de trabalho que você realiza, o produto não lhe pertence, não há nenhuma relação entre o que você produziu e o que consome.

Bem, resta-lhe a possibilidade de comprar uma banqueta na loja da esquina. Acertadas as contas, supomos, sendo otimista, que você ganhe Cr\$ 105.000,00 por mês, como trabalhou um dia, tem direito a Cr\$ 3.500,00 de salário, lembre-se que no nosso exemplo fictício você produziu junto com seus colegas de seção 500 banquetas num dia. Feita as contas, seu salário de um dia deve ser suficiente para comprar um monte de banquetas. Errou de novo! Você vai à loja e um banco igual ao que você produziu custa Cr\$ 10.000,00. Você produziu e não pode comprar! Você foi roubado!

Aqui o trabalho se volta contra o seu criador, quem produz riqueza colhe miséria. Sem saber, você, na fábrica, produziu a sua pobreza. Se anteriormente dissemos que o trabalho promove as relações entre as pessoas, que a produção insere o indivíduo na História, que o homem se hominiza

pelo que faz, aqui ocorre o inverso: o trabalho impede as relações entre as pessoas, rouba do homem o seu destino, usurpa o que temos de humano.

Síntese

Estamos agora em condições de fornecer uma primeira resposta ao problema. O que é alienação?

Vimos que o homem se divorcia de si mesmo pela alienação e, o que não deixa de ser irônico, a trilha que conduz o homem a perder-se é a mesma que o constrói — o trabalho: chegamos no inferno pelo paraíso do trabalho e também atingimos o paraíso pelo inferno do trabalho.

É que o homem é o único animal que produz sua própria existência, somos o que somos pelo trabalho, ele é o nosso modo de ser. Já se transformou em lugar-comum dizermos: somos um ser histórico. Ora, fazer história demanda se objetivar no produto, ser fora de si, deixar a própria face na natureza.

Se o homem se projeta no seu trabalho, o que ocorrer com ele se reproduzirá de alguma forma conosco. No trabalho, organizado na sociedade capitalista, ocorre uma ruptura, uma cisão, um divórcio entre o produto e o produtor, o trabalhador produz o que não consome, consome o que não produz.

Dizíamos que a alienação implica ser e não ser ao mesmo tempo. A mágica se realiza pelo trabalho. Depositamos nele nossa alma, nos perdemos quando ele nos abandona. Que bruxos operam tal feitiçaria? Como a criação se transforma em tortura? Vejamos.

VIDA: HOJE

Por que o trabalho é a única forma de o homem criar? Por que é prazer?

Ora, a resposta é simples. Porque o trabalho é o meio de vida do homem, é o que torna o homem vivo, parecido consigo mesmo. E o que é responsável por tornar o trabalho tortura, tédio, um inimigo do qual o homem procura fugir? A resposta só pode ser a mesma, apenas como meio de vida do homem é que o trabalho pode tomar a sua dupla face. Quando tomamos o trabalho na sua versão original, descolado abstratamente do sistema que o rege, encontramos o prazer. Quando retomamos o mesmo trabalho, inserido agora no sistema de produção industrial, dentro da fábrica, encontramos a tortura, o que nos obriga a perguntar sobre o sistema econômico em que vivemos e buscar nele as respostas deste duplo caráter da

o trabalho paralis

atividade humana. Entramos no mundo do sistema capitalista pelas mãos de Marx, que orienta a reflexão que continuará a nos ensinar como funciona este mundo em que vivemos.

Vejam. Qual a semelhança entre um queijo e uma calça? Não sabe?!

Qual então a semelhança entre um litro de leite e um jornal diário?

Bem, se você não conseguiu responder, saiba que um queijo suíço importado e uma calça jeans não são apenas semelhantes, são absolutamente "iguais". E o litro de leite e o jornal diário também são absolutamente iguais.

Vejam. Mexa nos bolsos, retire o dinheiro que você tem. Se você tiver Cr\$ 400,00, você poderá comprar um litro de leite ou um jornal. Agora, se tiver Cr\$ 15.000,00 ou Cr\$ 20.000,00, você poderá comprar uma calça ou um queijo importado. Nesse sentido queijo e calça são idênticos, leite e jornal são idênticos e, mais ainda, leite, calça, queijo, jornal, cama, urso de pelúcia, um livro sobre alienação, tudo se equivale, porque tudo vale dinheiro. Um livro sobre alienação custa quatro litros de leite, por exemplo, o que significa que um tem o mesmo valor que o outro. São coisas distintas, que servem também a diferentes finalidades, atendendo cada uma a determinada necessidade humana; de repente, através do dinheiro, se transformam em uma única coisa — todas valem e têm um determinado preço, e são

Valor de uso e Valor de Troca.

portanto comparáveis entre si. Na escola você aprendeu que não se pode comparar banana com pedras, eis aqui a matemática invertida: podemos comparar bananas e pedras entre si através do dinheiro. Estamos falando em mercadoria, a célula básica da sociedade em que vivemos.

Olhe em torno de você. A sua mesa, o livro, a cadeira, suas roupas, o lustre, sua casa; tudo é comprado e vendido. Ora, o que faz com que mercadorias diferentes possam ser compradas e comparadas entre si, o que, por exemplo, têm em comum nosso queijo e nossa calça? Apenas uma coisa os torna iguais: o fato de serem frutos do trabalho humano, produtos da ação humana sobre a natureza, todos eles contêm a matéria viva da natureza e contêm quantidades de trabalho, pois é isso que determina o valor. Valor é a quantidade de trabalho injetada na natureza.

Se uma calça custa mais caro que o litro de leite é porque a calça precisa de mais trabalho injetado do que o leite. Compare o queijo ou o iogurte com o leite e verá as coisas mais claras. O mesmo litro de leite é usado para beber e no iogurte que você ingere. A diferença está no trabalho injetado em um e outro, o iogurte dá mais trabalho que um litro de leite, portanto custa mais caro que ele.

Quando estamos falando em preço, estamos falando também num outro trabalho humano. Vejam o que acontece no capitalismo . . .

Valor de uso e Valor de Troca.

Trabalhos diferentes, distintos, individuais que, por sua vez, atendem a necessidades individuais e distintas dos seres humanos, são transformados em mercadorias, ou seja, anexa-se, ao valor de uso que o trabalho tem, um outro valor que é o valor de troca, isto é, torna trabalhos diferentes passíveis de serem trocados entre si. Você se lembra do nosso exemplo na fábrica, da produção de banquetas? Ali, você estava produzindo mercadoria, produzindo para o sistema capitalista e, vimos também que isso tornava o seu trabalho insuportável. Vejamos agora por que a mercadoria opera esta inversão no trabalho.

Algumas coisas já foram ditas acima. Na medida em que trabalhos diferentes se tornam iguais eles perdem o seu significado individual; quando produzimos um banco, criamos toda uma série de significados e produzimos a nós mesmos através do banco. Na medida em que a mercadoria iguala esses nossos trabalhos diferenciados, nos iguala também enquanto seres diferenciados que somos. Na seleção você é tratado com um indivíduo igual, lembra-se? Mas, não é apenas isso. Quando o trabalho individual é transformado em preço, nós não podemos calcular o preço se tomarmos ritmos diferentes de trabalho.

Vejamos. Um indivíduo lento, pouco experiente, demora cinco horas para fazer um banco. Um indivíduo mais experiente demora meia hora. Ora, que preço terá este trabalho? Sendo o mesmo

tipo de banco, estaremos perante um impasse irremediável, não poderíamos nunca vender os dois bancos pelo mesmo preço. Ocorre que para que possamos estabelecer o preço é necessário que se conte como trabalho médio, com o preço de trabalho médio que uma determinada sociedade em um determinado momento possa utilizar para fazer um banco.

Estamos lidando aqui com uma segunda ruptura do trabalho individual. Antes você tinha o seu próprio ritmo, mas a mercadoria empresta um ritmo de produção e troca seu trabalho pelo preço dessa produção. Isso termina por controlar o próprio tempo de produção através de um mecanismo bastante semelhante ao da seleção natural. Se uma fábrica demora dois dias para fazer uma mesa e a outra demora um dia, em breve todas as fábricas demorarão o mesmo tempo ou os tempos mais lentos se eliminam da concorrência. O que significa que a mercadoria impõe um ritmo de trabalho, rouba a decisão do homem sobre o tempo gasto no seu trabalho. Não temos mais, sob o signo da mercadoria, a possibilidade de escolher o ritmo de nosso trabalho. Mas, continuemos!

Quando o trabalho se transforma em mercadoria, passa a valer a quantidade de trabalho injetado na natureza e não mais a qualidade de trabalho. Trabalhos distintos se transformam em trabalhos iguais. Ora, isso é importante, na medida em que nosso trabalho faz parte de nossa vida, nossa

experiência. A diferenciação de trabalho entre as pessoas separa as pessoas entre si, dá a elas características diferentes, faz parte da sua individualidade. Ora, na medida em que a qualidade do trabalho deixa de importar e passa a importar apenas a quantidade de trabalho injetado, estamos perante o apastamento, a eliminação das diferenças individuais projetadas no trabalho, através da quantificação que a mercadoria promove.

Em última instância, o que acontece é que o trabalho perde a sua materialidade, não há mais matéria no preço, o preço é uma abstração que independe da natureza. Na padaria, na loja, o que há são quantidades de trabalhos injetados em produtos de um lado e outro transformados em preço, trocados entre si. O trabalho virou uma abstração metafísica, trata-se de uma entidade social estritamente, passando a independer do indivíduo concreto que o realizou ou que o utiliza. A mesa que tinha um valor por si passa a ter um valor quando comparada a uma cadeira, ou seja, perde o seu próprio valor e empresta o seu valor a outro produto, por exemplo, o dinheiro. Por outro lado, a mesa, que era um produto individual, se traduz e significa um produto social, o meu trabalho individual se perdeu nesse processo. A mesa, portanto, se converte em metafísica, se transforma em valor, em crédito, poupança, finanças, política internacional, perde o seu significado de síntese do gesto humano. O trabalho

se torna cego, carente de significados, como um beljo roubado no escuro por alguém que não conheço, um gesto carregado do meu ser, que se perde no mundo, sem autor, sem face, meu trabalho e eu.

Visto assim, parece que o trabalho se esfumou no ar, perdeu o sentido, não significa mais nada. É mentira!! Na verdade, o que aconteceu no nosso sistema é que o trabalho ganhou outro sentido. Qual? Ora, pergunte a qualquer dono (uma resposta) de fábrica por que ele produz cadeiras, ou mesas, ou leite. Não terá uma resposta do tipo: "Porque cadeiras auxiliam os homens a sentar, mesas permitem que eles escrevam livros etc. . . .". Terá como resposta a necessidade de ganhar dinheiro, de ter lucro. Eis outra característica essencial do nosso sistema: a mercadoria é a mercadoria na medida em que permita o lucro.

Como, então, se dá o lucro? Vejamos, dissemos que na mercadoria repousa o trabalho injetado na natureza. Ela se compõe, portanto, de matéria inanimada e trabalho humano combinados, que dão forma a um determinado produto. Uma mesa é resultado da árvore que nos fornece a madeira e trabalho humano injetado que transforma árvores em mesas. Ora, se preço é a quantidade de trabalho injetado numa determinada mercadoria e se as mercadorias se trocam entre si, tudo permaneceria igual. Eu gasto duas horas para fazer a minha mesa, você gasta uma hora para fazer a cadeira, trocamos

portanto duas cadeiras por uma mesa e nenhum de nós ganhou nada com isso. O dono da fábrica que produziu 5 mil banquetas por mês trocaria no mercado por qualquer coisa equivalente a 5 mil cadeiras por mês e não sobriria nada para ninguém, não é verdade? Não, não é verdade. Sobra lucro. O dono da fábrica, ao vender suas cadeiras, vende por muito mais dinheiro do que investiu, portanto ele deve ter encontrado alguma forma de fazer um milagre, ou seja, ter encontrado uma mercadoria que possa ser vendida por um valor maior do que ela tem.

Que mercadoria é essa que se reproduz, que gera mais valor do que custa, que é capaz de se multiplicar? Existe essa mercadoria no mercado?

Olho em torno, papel não procria, animais sim, mas também dão trabalho para procriar, o que dá no mesmo. Madeira? Também não se multiplica. Qual a mercadoria capaz de reproduzir-se a si mesma, sem exigir uma nova cota de trabalho e, portanto, sem aumentar o preço? Só existe uma. Trata-se do trabalho humano. Eis a mercadoria que o dono da loja, da fábrica compra e que pode ser comprada por preço menor do que ele vale.

Ora, se um trabalhador usa quatro horas para fazer uma determinada mercadoria, basta que eu o faça trabalhar seis horas e pague a ele o mesmo preço original. O que acontece então?

Vemos que o próprio trabalho humano não só se transformou em mercadoria, como também em

uma mercadoria especial. Uma mercadoria capaz de ser explorada, porque é comprada pelo preço da sua própria reprodução, ou seja, eu pago ao trabalhador que realiza o produto o necessário para que ele sobreviva e vendo o produto no mercado pelo valor que ele tem.

Vejamos. Uma fábrica de automóveis, por exemplo, pode fabricar 40 mil carros por mês, no entanto, o salário de um trabalhador não dá sequer para comprar um carro, mesmo que trabalhe a vida toda. Isso significa que a diferença entre o salário do trabalhador e o preço do carro vendido no mercado é mais trabalho, que gera mais valor ou, como dizia Marx, "mais-valia".

Estão dadas as condições para o lucro. Eu contrato um trabalhador por um preço e vendo o mesmo trabalho por um preço maior. Apenas trabalho humano pode ser explorado e se transformar em lucro. O trabalho, modo de sobrevivência do homem, transformou-se em modo de exploração de um homem pelo outro.

Retomemos, então, o exemplo da banqueta. Ao realizar um produto, ao produzir uma banqueta, você se projetou nela, o produto é parte de você. Quando o mundo da mercadoria, quando o mundo do capital transformou esse produto seu em coisa igual a todas as outras, você, que estava dentro da coisa, também foi negado. Negando a sua realização no produto, o capital comprou o seu projeto, o seu trabalho e teve de transformar também o seu

trabalho em uma coisa igual à banqueta, ou seja, numa mercadoria. Nessa negação de si, você se transformou na coisa que você produz, você passa a ser a coisa e a coisa passa a ser você. O seu produto independente, rompido, separado da existência do produtor, passa a ter vida independente; por outro lado, você, produtor, se transforma em mercadoria igual à qual foi vendida na loja. Opera-se, portanto, uma dupla negação.

Primeiro você se realiza fora de si, depois se desrealiza pelo mesmo ato. Em outras palavras, o produto separou-se do produtor, estamos de novo diante de um mesmo conceito de alienação, agora retocado como modelo da sociedade capitalista e num quadro mais completo.

Embora na história o surgimento da mercadoria seja bem anterior ao desenvolvimento do capitalismo, é no capitalismo que ela ganha sua forma mais completa, assumindo uma face universal no sistema capitalista. Nas sociedades escravistas feudais já havia mercadoria, mas não havia pelo menos enquanto forma predominante, a força de trabalho transformada em mercadoria.

Foi através de uma revolução, que implicou a tomada do poder político pela burguesia, que foi possível desapropriar os homens dos seus meios de trabalho e, com isso, deixá-los dependentes exclusivamente da sua própria força de trabalho. Estando os homens disponíveis para vender a sua própria força de trabalho no mercado, foi possível

a apropriação do trabalho humano e sua transformação em mercadoria, o que, em última instância, define o próprio capitalismo.

Estivemos visitando as células básicas do capitalismo, pudemos perceber que a conjunção da mercadoria com o lucro só foi possível através da exploração do trabalho alheio, através da transformação da ação humana numa mercadoria igual a qualquer outra no mercado. Essa dupla relação — mercadoria e lucro — promove a ruptura entre o homem e o seu próprio gesto, entre a ação e o dono dela, entre o trabalho e o seu produtor; eis como a alienação é gerada na nossa sociedade. Se até agora estudamos o que provoca a alienação, é hora de olhar o reverso da medalha e ver o que a alienação provoca.

Quem somos nós?

Confesso que nenhum de nós saberia responder exatamente a essa pergunta. O que eu sei é que seja o que for que sejamos, nós o somos pelo nosso trabalho. Ora, isso é válido para todos os animais e para todas as espécies. Um rato é um rato porque vive como tal, porque se ratifica, torna-se rato a cada momento de sua vida.

É o trabalho humano que marca a existência e permite a sobrevivência do homem, o homem será

o que o seu trabalho for, somos uma espécie que se diferencia de todas as outras, na medida em que nós mesmos produzimos o nosso meio ambiente. Se um animal, ao se relacionar com o seu meio ambiente, se conforma, ou seja, se torna parecido consigo mesmo, os homens, na medida em que se relacionam com o seu próprio meio, criado por eles, também se tornam seres humanos. Se o homem é roubado no seu próprio trabalho, é roubado de si mesmo, perde-se quando deveria se identificar, desconhece a si mesmo quando deveria se reconhecer, destrói-se quando deveria estar se construindo.

Vejamos isso mais de perto. Quando produzimos a nossa banqueta, no início das nossas discussões, nós nos projetamos nela, ela é a nossa face eterna, o nosso jeito transformado em objeto fora de nós. Quando esse nosso produto é usurpado, é retirado de nossas mãos e passa às mãos do capitalista, do dono dos meios de produção, a nossa própria face, presente na natureza, deixa de nos pertencer. É como se ao olhar no espelho você visse um outro, é como se você perdesse o espelho, a possibilidade de se enxergar no mundo.

Além de o trabalho construir a mim, no momento em que está sendo realizado, ele constrói o outro, pois me apresenta ao outro e promove a minha intervenção na vida dele. A minha banqueta muda o outro, e o outro se apresenta a mim através do trabalho, os instrumentos que usa,

construídos por alguém, a habilidade a eles emprestada nos conformam. Em outras palavras, o trabalho é também uma via de identificação com o outro, nos insere num grupo, numa espécie, nos iguala e nos diferencia dos outros indivíduos; pela via do trabalho eu significo algo para o outro e o outro significa algo para mim.

No trabalho alienado essa identidade se transforma em antagonismo, o outro se apresenta a mim como um ser estranho, independente, irreconhecível. A alienação inventa a solidão humana, transforma cada um de nós em seres irreconhecíveis perante o outro, sem par perante a própria espécie. No entanto, como a nossa sobrevivência depende de deixar a nossa marca na natureza, de transformá-la à nossa imagem e semelhança, e como esta natureza transformada é eterna, maior do que nós, a banqueta que fizemos sobrevive à nossa morte.

Somos capazes de fazer história, somos capazes de "eternizar" a nós mesmos, somos também a única espécie que é, ao mesmo tempo, toda a humanidade; em outras palavras, somos um ser genérico, somos a nossa própria espécie, e nos reconhecemos enquanto tal. Quantas vezes nos pegamos a refletir sobre o homem em geral, sobre a humanidade, a moral, a ética, a história, a revolução... Isto só é possível porque toda a nossa espécie se integra como um corpo só através do trabalho.

Dissemos que a utilização da ferramenta construída pelo outro, para a produção de algo usado pelo outro, sintetiza num só gesto toda a humanidade. Quando o nosso produto se rompe, se separa, se apresenta como estranho a nós mesmos, nos distanciamos, nos estranhamos, nos alienamos da nossa própria humanidade. O capital rouba do homem a sua própria transcendência, a sua historicidade, o reconhecimento de si mesmo como ser universal e histórico.

Produção, consumo, sexo

Falemos do mundo de hoje; computadores, televisão, trombadinhas, Paulo Salim Maluf, desodorante sexual, Roberta Close, *new wave*, *punks*, desemprego, FMI. Nenhum destes temas pode ser esgotado com nossas reflexões sobre alienação; mas, ao mesmo tempo, impossível compreendê-los sem ela. É que as relações de produção, em nosso caso o capitalismo, têm vocação globalizante, tendem a ocupar todos os espaços, se espalham como erva daninha. Por quê?

A razão da existência do capital é o seu próprio crescimento, só se realiza quando cresce. Existem apenas duas formas de expansão para ele; ou cria novas necessidades de consumo, ou se apropria de necessidades nunca dantes transformadas em

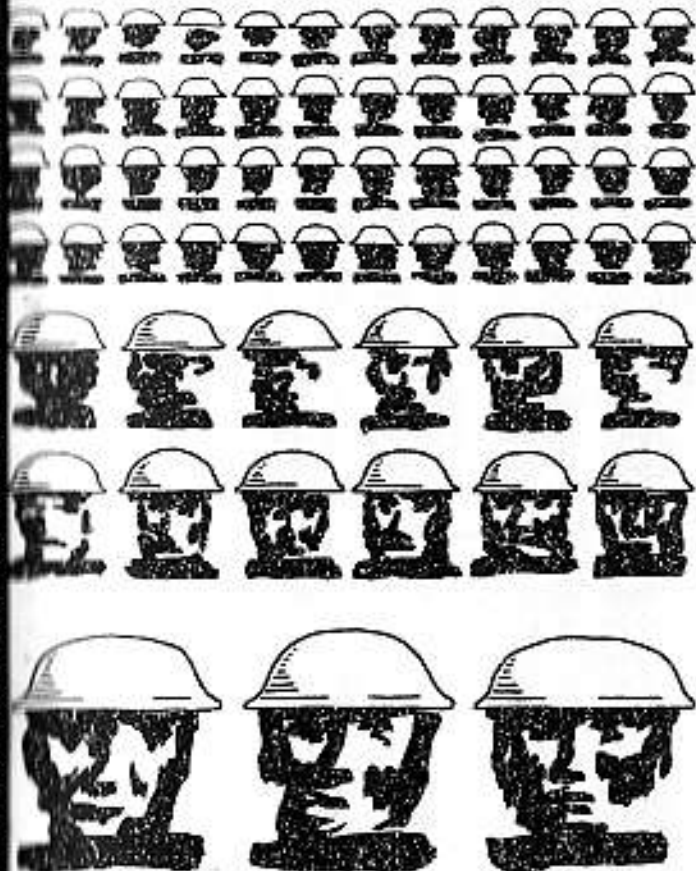
mercadoria. O capital não pode prescindir das necessidades humanas, nossos desejos são o seu caldo de cultura. Quem for mais velho lembra-se do chazinho para dor de barriga que nossa avó fazia, de folhas recolhidas do fundo do quintal, plantadas com carinho nas horas de folga. Hoje, indústrias multinacionais plantam, produzem e vendem as mesmas drogas embaladas em saquinhos de material semi-plástico e com uso descartável. O primeiro beijo na namorada ou namorado pode ser facilmente substituído por mulheres de plástico ou pênis artificiais comprados em qualquer boa casa do ramo e devidamente deflorados.

Cumpre voltar o arsenal teórico acumulado até o momento para o cotidiano de todos nós, e aqui não tantos os caminhos e maiores ainda os riscos de perder-se. Por isso é de bom alvitre seguir os conselhos que Maquiavel dava aos príncipes — "Dividir para governar". Dividiremos este universo em três partes, *como se fossem* distintas. Trataremos inicialmente da produção, depois do consumo e, finalmente, das relações afetivas-sexuais. Não terá um tratamento exaustivo, mas deve servir como um roteiro para que você possa reconhecer a abrangência do tema. Vamos adiante.

Produção — Tomemos um exemplo: a produção de Coca-Cola, produto bastante conhecido de todos nós. Na fabricação do refrigerante se utilizam cerca de dez operários. O primeiro coloca as garrafas em uma máquina de lavagem, que,

sozinha, faz circular a água e dispõe as garrafas em posição vertical numa esteira, que se movimentam. Os vasilhames passam por um tubo, onde recebem o xarope básico que compõe o refrigerante. A esteira segue e um outro esguicho põe a água. Dois ou três operários acompanham o processo, para que não ocorra nenhum incidente. Observando algum problema, o operário deverá apertar o botão que interrompe o funcionamento. Em seguida, a garrafa passa por uma outra máquina que coloca a tampa. É evidente que há operários para recarregar xarope, água e tampas e depois mais dois ou três operários para retirar as garrafas das esteiras e colocá-las nas caixas e um outro para carregar as caixas até o caminhão que fará a entrega.

Pronto! Está produzida a Coca-Cola. Nota-se em primeiro lugar, que o trabalho é dividido, cada operário realiza apenas uma tarefa e nenhum deles pode realizar o produto inteiro. Eis um primeiro "subproduto" da produção alienada: a produção é totalmente coletivizada, vários operários contribuem na obtenção do produto, mas nenhum deles domina o processo de produção. Em segundo lugar, os operários que estão ali não sabem como se faz o produto. Para dizer a verdade, apenas alguns engenheiros químicos, localizados no exterior, sabem que ingredientes compõem o refrigerante. Os operários produzem mas não têm a mínima idéia de como se produz o produto que eles mesmos fazem.



... nenhum deles utiliza sua criatividade, seu raciocínio; em outras palavras, foram transformados em força de trabalho.

Terceiro, nenhum deles utiliza sua criatividade, seu raciocínio, suas capacidades humanas, em outras palavras, foram transformados em força de trabalho. Não é necessária nenhuma especialização para se realizar esse trabalho, qualquer ser humano o realizaria sem nenhuma habilidade anterior.

O capital transformou o trabalho em força de trabalho, eliminou as habilidades humanas, descartou-as do trabalhador mesmo. A habilidade do trabalhador foi transformada em hábito, é a via da maquinaria. São as máquinas que fazem o trabalho que poderia exigir alguma habilidade. Ora, o que são as máquinas senão trabalho acumulado? Inteligência humana sintetizada em metal, experiências de vários operários, de vários lugares do mundo, sintetizadas ali.

Dizíamos que apenas dez operários realizam o produto. É apenas meia verdade, cada máquina daquelas é produzida por uma série de operários outros, que por sua vez utilizam do trabalho de outros operários, que retiram o metal, isso numa série quase infinita e que termina necessariamente na natureza bruta.

Por paradoxal que pareça, é a inteligência acumulada de cada trabalhador que promove a burrice do trabalhador. Uma fragmentação do conhecimento, que permite uma acumulação fantástica desse conhecimento em pouquíssimas mãos e o fragmenta tanto, o divide tanto, que ninguém é dono dele. Cada peça da máquina que

produz a Coca-Cola é resultado da acumulação de toda a história da humanidade, mas de forma fragmentada e alienada, ou seja, o conhecimento não pertence ao produtor dele mesmo. Alguém plantou a cana, outros a colheram, outros retiraram dela o sumo que produziu o açúcar, que foi transformado e que entra, junto com outros produtos que nós desconhecemos, na fórmula produzida pelos dois químicos para compor o xarope, que comporá a Coca-Cola. Também o mineiro retirou o minério, que foi transformado em ferro, que foi torneado, que produziu as máquinas. Nenhum operário que trabalhava nas minas de carvão ou de ferro tinha sequer a idéia de que estaria produzindo Coca-Cola, isto porque a posse é individual, os meios de produção estão nas mãos de apenas uma pessoa, enquanto todo o trabalho é coletivizado. Estamos, portanto, perante a contradição central do capitalismo e estamos perante o processo de produção de lucro, de mais-valia, já declinado anteriormente. É a alienação do homem em relação ao conhecimento que ele mesmo produz.

Vamos adiante. Não é apenas de máquinas e de trabalho braçal que é composta a Coca-Cola. Há também um departamento de *marketing* que resolve em determinado momento lançar um produto novo. Importa-se dos Estados Unidos a idéia de desenvolver aqui máquinas de lanchonete, capazes de produzir Coca-Cola ali no balcão,

servida em copos; além de mais econômico, o produto tem o sabor de uma novidade. Com isso, os cinco ou seis operários de uma determinada fábrica são postos no olho da rua.

Se o trabalhador dispõe apenas de sua força de trabalho para vender à indústria, nem esta possibilidade está dependendo dele, ele não escolhe como vender sua força de trabalho, nem quanto dura o aluguel. Está à disposição da empresa. O contrato é decidido e executado por uma burocracia, da qual ele é apenas um instrumento, podendo tornar-se o escolhido ou vítima, por decisões que não conhece nem domina.

Mas, infelizmente, não é só isso. Imagine que o governo americano resolva aumentar ainda mais o seu rendimento porque está em época eleitoral e, por isso, force o Fundo Monetário Internacional — FMI a apertar mais os créditos, discutindo com os banqueiros internacionais a forma de aumentar ainda mais as taxas de juros. O governo brasileiro recebe então a visita de um assessor internacional de economia, que discute com nosso ministro da Fazenda, que, por sua vez, resolve reduzir os salários reais ainda mais. Aberto o arrocho salarial, os preços sobem e o salário do nosso trabalhador na indústria de Coca-Cola passa a valer muito menos graças à inflação. Ora, o trabalhador não tem nenhum poder de decisão ou de barganha, enfim, de interferência sobre seu próprio trabalho. Poderíamos complexificar mais esta análise, mas

acredito que possamos parar por aqui, pois já temos uma idéia do nível de alienação que envolve o trabalho do ponto de vista da produção em uma sociedade capitalista.

Espero que você não estranhe quando ouvir um patrão qualquer dizendo que um trabalhador é irresponsável, vagabundo, incapaz de levar a sério a sua profissão e culpado das suas desgraças. Espero que você entenda agora por que o trabalho se torna uma tortura. E, portanto, por que o trabalhador foge dele como o diabo foge da cruz. Como a produção atingiu tal grau de desumanização? Acho que posso dar uma idéia do que ocorreu.

O sistema capitalista é um sistema centrado na mercadoria e no lucro. É na transformação do trabalho humano em mercadoria, através da mercantilização do trabalho, que o valor pode criar a si mesmo, ou seja, o valor pode gerar mais valor. Esta mais-valia está organizada socialmente de maneira que o trabalho é coletivo e a posse dos meios de produção é individual. Em outras palavras, a sociedade está dividida entre os donos dos meios de produção e os espoliados que só têm sua força de trabalho para vender. Ocorre que o valor só se realiza, só se transforma em capital quando é vendido, ou seja, quando atende a uma determinada necessidade humana. Um sapato só é vendido para ser calçado, portanto só se transforma em mercadoria enquanto houver pés que necessitem

dele. Portanto, só é possível produzir lucro e o sistema continuar girando enquanto houver necessidades do produto. Ora, a necessidade do produto resolvida implica a eliminação do sistema.

Vejamus um exemplo — suponha uma determinada comunidade, composta de 1 000 pessoas. Temos, portanto, uma necessidade de 1.000 pares de sapato por ano. O capitalista contrata a mão-de-obra de 50 operários e começa a produzir 100 sapatos por mês. Enquanto houver pés descalços, o sistema roda normalmente. Quando as necessidades estiverem satisfeitas, o capitalista não tem mais o que fazer. Deverá fechar a fábrica ou fabricar sapatos praticamente sem lucro, porque eles não encontrariam saída no mercado e, portanto, cairia drasticamente o seu preço.

O que me parece mais curioso e ao mesmo tempo revoltante, no sistema capitalista de produção, é isto: um sistema que não pode cumprir as finalidades a que veio não pode satisfazer às necessidades humanas ou, em outras palavras, vive da carência, se alimenta do não cumprimento dos seus próprios objetivos. Um capitalista joga fora o excesso de produção quando, por algum erro ou acidente da natureza, a produção ameaça atender às necessidades. Basta lembrar o exemplo dos camarões retornados ao mar porque a pesca foi abundante, ou dos produtos hortifrutigranjeiros que são queimados por excesso de produção. O capitalismo entra em crise de superprodução

cíclica: enquanto faltar produtos o sistema está bem, quando eles existirem ocorrerá uma crise, embora as necessidades básicas estejam longe de serem satisfeitas.

Por outro lado, é necessário produzir cada vez mais e melhor, porque é a produção que gera lucro. É a diferença entre o valor de compra e o valor de venda e a circulação de mercadorias que promove o lucro, ocorre que está sendo vendido o próprio trabalho humano. Ora, a única forma de aumentar a lucratividade é aumentar ao máximo a produtividade do trabalhador. Vejamos, a nossa indústria de sapatos, citada anteriormente, produz 100 sapatos com oito horas de trabalho de cada operário e terá um lucro x ; se produzir 200 sapatos com as mesmas oito horas, terá um lucro igual a $2x$. A forma, portanto, de aumentar o lucro e fazer o sistema funcionar é aumentar até o limite possível a produtividade.

Ora, são duas necessidades antagônicas. De um lado, aumentar a produtividade constantemente; de outro, não atender às carências possíveis, às necessidades do mercado. Eis uma contradição central no sistema, e dela decorrem os problemas já descritos.

1. É necessário desenvolver cada vez mais a maquinaria com o objetivo de aumentar a taxa de exploração da mão-de-obra. Como o salário se mantém praticamente o mesmo, cresce cada vez

mais o lucro, enquanto o trabalhador se afasta cada vez mais do seu produto, na medida em que a tecnologia afasta dele os mecanismos de decisão sobre o próprio gesto.

2. A produção se internacionaliza. A Coca-Cola, que era o nosso exemplo, é produzida literalmente no mundo todo. O açúcar em um lugar, os ingredientes do xarope em outro, a síntese química em outro, o engarrafamento em outro. Antes que as necessidades estivessem satisfeitas no país de origem, era necessário que se abrissem outros mercados, e se impusesse ao consumidor brasileiro "um arroto que refresca", para que a Coca-Cola S/A não fosse à falência.

Falamos da intervenção do Estado na economia. Governo e vários países intervindo na produção e no trabalho, porque a partir de 1929, quando estourou a Bolsa de Nova Iorque, ficou claro que a regulamentação anárquica do capital sozinho não poderia dar conta de preservar o próprio sistema.

Consumo – Graças à alienação, somos levados a ver o consumo como algo desligado da produção. O ato de consumo aparece quase como mágico, solto no ar, deslocado da sua própria origem. Divorciar a produção do consumo é parte do próprio processo de alienação. O que nos obriga a rever a questão do consumo, e ver quais são os seus parâmetros.

Consumo é a outra face do próprio processo de produção. Em primeiro lugar, quem consome, consome a produção de alguém; em segundo lugar, ao consumir, produz uma carência, uma necessidade, a falta de um produto. Portanto, o consumo produz a produção. Além disso, produzir é consumo dos meios de produção. E, como parte dessa relação, é necessário incluir a força de trabalho. A produção, portanto, é consumo dos meios de produção, é consumo de força de trabalho e, por último, é condição para a produção. Sem consumo o trabalhador não produz. Por outro lado, o consumo fornece um sentido à produção. Não só enquanto cria necessidades de produção, como também satisfaz o destino da mercadoria.

Uma mercadoria que não vem a ser consumida não se transforma em mercadoria, o consumo é um elo obrigatório na corrente da produção. A relação é dialética. Consumo e produção se igualam e se diferenciam como dois pólos opostos, embora a produção continue determinando o consumo. Basta ver que é possível a produção sem o consumo, como é o caso do material bélico, por exemplo, mas não é possível o consumo sem algum tipo de produção.

Tomemos um exemplo: um trabalhador, ao produzir Coca-Cola, gasta energia, portanto consome energia no ato de produção. Por sua vez, ele precisa consumir para manter as energias produtivas, também o próprio trabalhador se desgasta

ao produzir, envelhece, começa a ter dificuldade de articulação, se cansa, ou seja, se consome a si mesmo enquanto produz. Por outro lado, produz porque houve a necessidade, o seu produto foi consumido e será consumido, portanto o consumo permite o exercício da produção neste momento, e no segundo momento a esperança de consumo justifica a produção. Por outro lado, a nossa Coca-Cola no mercado produz uma necessidade ao ser consumida. Tanto no sentido do hábito do consumidor, quanto no sentido da falta do produto no mercado. Ou seja, tanto no sentido objetivo, quanto no sentido subjetivo. Bem, quando consumimos, mas não produzimos o próprio produto, estamos fechando o ciclo da alienação. O consumidor que não produziu é tão alienado quanto o produtor que não consumiu.

As mesmas relações vistas anteriormente para a produção são igualmente válidas para o consumo. Mas, é preciso tecer algumas especificações. Voltamos à Coca-Cola. A que finalidades atende o produto? Ela atende a uma dupla finalidade: é no bar da esquina um valor de troca, uma mercadoria na qual foi injetada o trabalho, portanto cumpre o destino de mercadoria e faz rodar a economia, ou seja, põe em funcionamento um sistema que, em última instância, é responsável pela sobrevivência de todos nós. Podemos dizer que quando você compra uma Coca-Cola na esquina está alimentando milhares de milhares

de pessoas, por um lado, e, por outro, alimentando a alienação e a exploração delas também. Ora, esse valor de troca, que é encoberto pelo fetiche da mercadoria, permanece encoberto no momento do consumo. Em nenhum momento se restabelecem as ligações entre o dono da padaria, a fábrica, o FMI e a Coca-Cola que estamos consumindo.

Nesse sentido trata-se de um ato que não recompõe os vínculos entre produção e consumo, pelo contrário, cinde os mesmos atos e recai na nossa definição de alienação. Eis uma primeira ruptura. Ocorre que, além do valor de troca, a Coca-Cola é também valor de uso, ou seja, atende às necessidades humanas. Quais seriam estas?

Bem, na certa são várias, mas eu quero me referir particularmente a uma, que me parece bastante ilustrativa. A Coca-Cola contém, entre outras coisas, a cafeína, que é um excitante para o nosso cérebro, e que é retirada do café, nossa velha bebida brasileira. Nesse sentido, embora a dosagem não esteja clara, a Coca-Cola tem um certo efeito de excitação geral no organismo, no entanto essa necessidade talvez não seja sentida pelo consumidor. Quando você bebe Coca-Cola pode ser até por questão de *status*, por conviver com amigos que possuam os mesmos hábitos, por exemplo. Eis aqui uma ruptura entre necessidade real, que o produto satisfaz, e a necessidade sentida pelo sujeito que consome. Eis um segundo vínculo

alienado com o produto.

Mas não é só isso. Ligando a televisão, você vê uma propaganda do refrigerante, um jovem vestido com calça *jeans*, num trânsito engarrafado, se apressa sem permissão de ninguém de um piano começa a cantar enquanto bebe um refrigerante, o ritmo da canção é moderno, a letra sugere liberdade, as pessoas aplaudem e o nosso herói degluta Coca-Cola, passa a impressão de uma opção radicalmente consciente; beber Coca-Cola aparece como produto e produtor de liberdade. É que a propaganda opera um milagre. Primeiro, esconde as relações que jazem no produto, portanto esconde a escravidão do consumo e a representação como exercício de liberdade. Pela via da propaganda ocorre uma traição ao real significado e, ao mesmo tempo, uma denúncia da própria alienação que esconde.

Coca-Cola, é isso aí! Uma frase genérica que atende a vontades diferentes e genéricas.

Pode ser repetida pelo jovem, para qualquer necessidade. De novo, num nível superior, a realiza o encobrir na necessidade real, uma recriação (?), novas relações de valor de uso são criadas pela mercadoria independentemente do próprio sujeito que a consome.

Mas, no caso da Coca-Cola, ela realiza a volta completa. Você já deve ter visto, nos *shopping centers*, lojas especializadas em vender produtos com a marca Coca-Cola. Veja o que ocorre,

marca é vendida para você, a indústria paga a propaganda para que a marca se imprima, e você passa a pagar pela imposição que a marca lhe trouxe. Num primeiro momento, o consumo aliena você das relações de produção e consumo. Em um segundo momento, transforma essa alienação e escravidão em liberdade e fantasia. Terceiro, provoca em você a necessidade de comprar a fantasia que ela mesma criou.

Por que tudo isso é possível? Ora, já vimos anteriormente que o homem, ao transmitir o seu ser para o trabalho, e ao romper os elos entre ele e o produto, se transforma em coisa e transforma a coisa que produz em ser. Transmite humanização ao produto, mas se afasta dele, portanto, inverte a relação entre homem e objeto, o homem passa a ser objeto de produção, e o produto passa a ter a magia humana.

No consumo, ocorre relação inversa — a humanidade impressa no produto se defronta a você como coisa, como mercadoria, como objeto. E imprime em você, coisificando, a sua humanidade alienada, o produto aparece como pessoa, como ser humano, como humanidade de que você tenta se apropriar e, de forma mágica, se apropria quando o consome. É como se recuperasse a humanidade através do consumo.

Ocorre uma dupla negação, onde a criação se transforma em alienação, e a alienação recria o consumidor humanizado por ela, ou seja, dupla-

mente alienado.

Sexo — Agora, amigo, vamos entrar num universo pretensamente conhecido de todos nós e por isso muito mais perigoso. Falemos da sexualidade enquanto necessidade humana, para que possamos compreender como ela se comporta quando a pornografia a transforma em mercadoria.

Cena I:

1º personagem: Ele foi o único que não colocou gravata para ir ao casamento. Acha que gravata é uma convenção social ridícula, não pretende se subordinar a essas frivolidades da sociedade de consumo. Foi ao casamento, pois tratava-se de um amigo, mas gravata nunca!

2º personagem: Ela acha o próprio casamento uma convenção ridícula, as pessoas para se amar não precisam de um certificado, a cerimônia é religiosamente importante, mas ela não é religiosa, e do ponto de vista do ritual, trata-se de uma mera prestação de contas à sociedade. Mas como era uma amiga bastante íntima que se casava, resolveu fazer uma concessão, ir ao casamento, mas escolheu uma roupa

bastante simples que sabe que destoarà totalmente dos outros convidados, uma forma de deixar clara sua posição.

O encontro dos dois se dá na valsa dos noivos, que envolveu todos os convidados, menos os dois, que obviamente se aproximaram. Ele se descobre fascinado pela sua teoria a respeito do casamento na sociedade contemporânea, e ela, enfim, encontrou alguém que pensa e age da mesma forma. Após muita conversa as coisas se passam muito bem na cama. Ela e ele convencidos de que achariam um parceiro, alguém com quem se possa conversar, gostar, amar e trepar. Encontraram num cinema, assistindo ao último filme de Fellini em pleno carnaval, parece que estavam felizes.

Aqui o desejo do sexo se realiza em meio a uma relação, determinada por companheirismo e o determinando, cada qual encontrou o parceiro, a pessoa que pensa da mesma forma e a pessoa com quem se diverte na cama.

Cena II:

3º personagem: Ele é um auxiliar do secretário do assessor do gerente da empresa. Ou, em outras palavras — é o último que fala e o primeiro que apanha. Em seu trabalho vive esmagado pela hierarquia, não

consegue nunca tomar as decisões que desejaria, sente que poderia intervir muito mais e progredir se deixassem, mas a única coisa que tem a fazer é engolir sapos, um atrás do outro, na profissão. Ao bater o ponto e se retirar da empresa, vinga-se. No trânsito briga com todos e bate em quem consegue. No bar, conta vantagens incríveis sobre seu trabalho, onde, segundo sua versão, é ela quem dá as cartas.

4º personagem: Ela só não chamou Amélia por culpa do Ataulfo Alves, que demorou muito para fazer a música. Uma pessoa que não sabe dizer não, não sabe contestar ninguém, admira as pessoas fortes e é incapaz de ser como elas. Os psicólogos diriam que, por alguma dificuldade no conflito edipiano, carrega em si a imagem de um pai incontestável e procura encontrá-lo no mundo em todas as suas relações.

Os dois se encontram numa visita que ele faz à família dela. Ela fica encantada com a segurança, a firmeza e a autoridade dele, principalmente

quando se refere ao seu trabalho; nos olhares furtivos começa a crescer um misto de desejo e de respeito por parte dele, que também se transforma em desejo por parte dela. Na cama as coisas parecem que andaram bem. Ela não gozou nem uma vez, ele sim — duas. Mas ela gostou, afinal ele parecia estar tão satisfeito. Ela promete casamento e filhos assim que acertar sua situação financeira, questão de tempo, é óbvio. Ela finge que acredita e os dois vão levando.

O eixo que parece dirigir toda a relação é o da dupla frustração, que se encontra e se combina perfeitamente.

6º personagem: Ele está muito disposto a dar uma trepada.

6º personagem: Ela idem, idem, idem. Muito a fim de encontrar um homem bom de cama.

Os dois se encontram numa festa de amigos comuns, ele sente que ela poderia ser uma boa transa. Ela sente a mesma coisa. Os dois começam a conversar, tentando encontrar um assunto. Alguém põe um *rock* pauleira na vitrola. Ele detesta, mas acha que ela gosta, então começa a dançar freneticamente, melhor agüentar um *rock* do que perder a chance da noite. Ela definitivamente detesta *rock*, mas como ele dança tanto e tão bem (!), para não perder o passeio ela entra

na dança. Depois de algumas músicas frenéticas os dois conversam animadamente sobre o Queen por sorte nenhum dos dois entendia nada do conjunto e nunca haviam prestado atenção neles.

No meio da conversa, tantos risos, tantos olhares ele a convida para ouvir um disco em sua casa evidentemente não havia o disco, mas sabe que será difícil escapar da trama, ela sabe perfeitamente que ele não quer ouvir discos, mas finge extremo interesse e concorda em acompanhá-lo. Ali no apartamento não há tempo para ouvir coisa alguma os dois se agarram e vão para a cama, é ótimo. Pena que não se encontraram de novo, primeiro porque ele é bom rapaz, bom de cama, mas gostou demais de *rock*. Também ele acha que ela é boa moça, boa de cama, se não fosse tão fanática por *rock*. Outros encontros ocasionais poderiam surgir mas não surgiram. Ele tentou por três ou quatro vezes, mas ela estava com uma outra transe. Talvez um dia voltem a se encontrar.

Mesmo quando o sexo foi o motivo central da relação, ele encontrou uma outra determinação que acabou engendrando e acompanhando o ato sexual.

O que poderíamos pensar sobre estas experiências relatadas sucintamente, e as muitas outras que você também poderia relatar? O sexo é preenchido por vários significados: *status*, poder, submissão, companheirismo, dependência; o instinto sexual se faz sempre acompanhar de outros signi-

ficados que se enredam com ele, e passa a ser difícil perceber o que está determinando o quê. Leve-se em consideração que simplificamos as coisas, na verdade todos estes aspectos tendem a se apresentar em cada relação.

O que significa isso? Significa que não existe um sexo biológico? Que não existe tesão? Muito pelo contrário, sexo é uma necessidade biológica. Ocorre que somos seres sociais. Sendo seres humanos, o biológico se realiza pela via social, pela via humana, somos obrigados a dar à nossa face animal um modo de ser humano, hominizado. Se estivéssemos falando de qualquer outra função biológica para o homem, o problema seria o mesmo; comer, por exemplo, também é carregado de vários significados, tantos quantos o terreno da sociabilidade possa enfrentar: *status*, carência, etc., etc.

Visto de outro ângulo talvez as coisas fiquem mais claras. Em nossas fantasias sexuais, vez por outra somos assaltados pelo desejo de realização radical do prazer "puro", o animal em nós se satisfazendo. É aquela velha história: a mulher que quero na cama que escolherei, do jeito e na posição, quando e como eu gosto. Todos nós vivemos em fantasia nossa "Pasárgada".

Houve um autor brilhante que procurou levar a questão sexual, entendida como prazer físico, biológico, às últimas conseqüências. Infelizmente o filme passou em um período em que o Brasil estava se aproximando do *boom* pornográfico e,

apesar de muito visto, ele foi pouco discutido nesse aspecto. Estou falando do filme *O Império dos Sentidos*, de Oshima. O diretor realiza com perfeição dois movimentos: no primeiro, um período de consolidação entre os dois amantes, tratava-se de dar vazão a todas as fantasias e desejos sexuais, todas as posições, todos os orifícios em todos os momentos. Ela é a amante perfeita, ele o amante insaciável. Uma mulher que nunca se sacia, um pênis que nunca se torna flácido. Em seguida, um outro movimento, "limpar" a relação de qualquer outro significado; desaparece a prostituição, desaparece o ciúme, desaparecem as outras paixões, e por último, desaparece o social. Uma das cenas mais interessantes é quando o protagonista sai sozinho e não se encontra mais no mundo, a vida só tem sentido no sexo com ela e vice-versa, aqui o sexo se realiza (se fosse possível) ainda com mais plenitude, estritamente biológico e carnal. O prazer começa a levar à destruição e termina com o assassinato dele e o enlouquecimento dela. E o modo pelo qual a destruição se dá é pela extirpação dos órgãos genitais. Para que fique claro que foi o sexo que matou os dois. Ambos se eliminam um no outro, se anulam um no outro, morrem, um de fato, outro psicologicamente falando. Parece que o autor tem toda a razão. Se o sexo exclusivamente biológico pudesse se realizar, terminaria em destruição, em eliminação do sujeito que o pratica.

Senão, vejamos. Mesmo numa relação de prostituição, em que o significado único do ato é de satisfação biológica, se reinventam outros significados, uma prostituta experiente sabe que para realizar bem o seu trabalho deve fingir-se apaixonada pelo cliente, ele deve sentir "que é o maior e que me possui" — como diria C. Buarque de Hollanda. Ele sabe que ela finge, e/ou transmite também à relação outros significados, talvez a substituição de um desejo não realizado com a vizinha, talvez violência, talvez poder. Não sabemos qual seja, mas sabemos que haverá algum. O que estou querendo dizer é que não apenas o sexo pode ser acompanhado de outro significado, mas está condenado a isso.

Por que as coisas acontecem assim?

Sexo enquanto necessidade biológica, impulso, instinto, chame-o como quiser, é um desejo genético, é meu pessoal e intransferível, mas só se realiza pelo outro. Há sempre (pelo menos) um parceiro entre o desejo biológico e a realização dele, mesmo na masturbação é povoado pelo outro. Ora, na medida em que o meu animal se satisfaz através do outro, não há como satisfazê-lo sem entrar numa relação que é social e que, portanto, se obriga a reger-se pelo conjunto das leis que regem as relações sociais entre os homens. Já dissemos antes que o meio ambiente do homem é o outro, portanto a sua sobrevivência é marcada pela necessidade de transformação do outro e de

ser transformado por ele. Na questão sexual nada se modifica, é o mesmo ser humano condenado a entrar em relação social, pela palavra, pela consciência, pelo afeto, é com o outro que o sexo se realiza.

Quando o meu desejo encontra o outro, deixa de ser genérico, portanto deixa de ser exclusivamente biológico e passa a se concretizar paulatinamente numa relação social, deixa de ser desejo de sexo e passa a ser desejo sexual do outro. Quando vou a uma festa e estou privado sexualmente, "biologicamente" falando, encontro alguém, que me aceita e gosta de estar comigo, minha realização sexual, meus desejos, minhas fantasias passam a ter nome, sobrenome, endereço e telefone, cada vez mais. Mesmo se voltarmos ao exemplo da masturbação, aquela moça que conheci, que passou pela minha rua, passa a ser o meu objeto sexual ainda que apenas na fantasia.

Vale a pena repetir: estamos condenados à satisfação social do nosso ser animal. A nossa realização enquanto seres biológicos se encontra submetida à nossa existência enquanto seres sociais, é o homem que somos, que se hominiza a cada momento, que dá a expressão ao animal que somos e negamos ao realizá-lo. Quando o animal se realiza só o faz pela sua negação, só o faz quando reencontra o ser humano e pode se expressar através dele. Foi isso que o filme *Império do Sentido* mostrou muito bem quando o biológico

"expulsa" o social (o que seria impossível não fosse a imaginação brilhante de um autor de cinema). Se por acaso, repetimos, o social é expulso do biológico, o biológico não se realiza, exceto enquanto destruição. A morte do ser social impede a existência do ser biológico.

Este é o pano de fundo sobre o qual queremos pensar a questão da alienação. Longe de mim tentar explicar este conjunto maravilhoso de significados que a questão sexual toma. Busco apenas ressaltar a necessidade de tomar estes significados para logo adiante tratar a questão do sexo alienado. Urge ter em mente que estaremos lidando com a parte visível do *iceberg*, embora ínfima. Vamos ao trabalho.

Já dissemos que a alienação é produto da existência da mercadoria e da transformação do trabalho humano em mercadoria. Para que haja mercadoria é necessário que exista uma necessidade, que por sua vez engendra o valor de uso e possa ser transformado em valor de troca. Ora, sexo tem todas as condições para se transformar em mercadoria: é uma necessidade humana, portanto tem um valor de uso que sem dúvida tem sido soberbamente transformado em valor de troca. Se alguém, por acaso, duvida do que estou dizendo, basta ir a uma banca de jornal, ou freqüentar qualquer cinema onde filmes pornográficos abundam, se você me desculpa o trocadilho.

Tomemos a pornografia, onde o sexo como

mercadoria fica mais claro. Para o vendedor de sexo, coloca-se um problema idêntico ao de qualquer mercadoria, a pergunta é sempre a mesma: como transformar uma necessidade em lucro? Como embutir um valor de troca dentro do valor de uso?

Ocorre que, desse ponto de vista, sexo é uma mercadoria muito particular. Lembremos do exemplo do consumo quando falávamos de Coca-Cola: ela cria uma necessidade e a satisfaz. A mercadoria satisfaz a necessidade que existe ou criou. Que tal se encontrarmos uma necessidade que não é satisfeita quando vendida? A pornografia, por exemplo. Uma privação básica de ordem biológica, apropriada pelo produtor do sexo, não é satisfeita, pelo contrário, é ampliada pela venda do produto. Isso parece uma loucura, mas é exatamente assim. Posso imaginar que o indivíduo, ao freqüentar uma sala de cinema pornográfico chamado eufemisticamente de "sexo explícito" ou metaforicamente de "erotismo", posso imaginar, dizia, que o consumidor está carente da mercadoria que procura, entra porque precisa de sexo. Ocorre que lá não tem sexo. O indivíduo tem à sua disposição fantasias, observa o ato sexual alheio, e isso provavelmente aumenta a sua necessidade de sexo, sai de lá mais carente do que entrou. Como isto é possível?

Vejamos o sexo que não se torna mercadoria. Minha fantasia é produto da minha relação social e a reproduz a todo momento; a privação

sexual me leva a buscar Maria dos Anzóis Pereira; ao encontrá-la, meus desejos deixam de ser meus, se perdem nela, passam a ter existência a partir dela. Realizada a transferência pela via social, posso reproduzir Maria dos Anzóis Pereira em minha consciência e fantasiar relações com ela que me permitem, por exemplo, sonhar. Embora essas fantasias sejam minhas, elas não se perdem em nenhum momento do outro, é a mesma Maria dos Anzóis Pereira que aparece em meus sonhos. É assim, de forma muito simplificada, que as coisas acontecem. Ocorre que a possibilidade formal do exercício da fantasia na ausência do objeto concreto está dada, em outras palavras, somos uma espécie capaz de fantasiar, capaz de representar o outro na sua ausência.

Eis o mercado da sexualidade com todas as condições de existência, não é o sexo propriamente dito que se comercializa, mas as fantasias sexuais. O que acontece com elas ao passar pelo crivo da mercadoria?

Abra o jornal na sessão de cinema, aponte o dedo aleatoriamente; provavelmente caiu sobre um filme pornográfico; vá assisti-lo, nem é preciso me dizer qual é, o que você verá (invariavelmente) pode ser resumido em dois ou três pontos:

1) o roteiro, se é que existe, é montado cuidadosamente para que a relação sexual ocorra entre pessoas que não se conhecem. "Um encontro" na

rua; uma casa de massagens; "um acidente" no escritório entre o cliente e a funcionária; a secretária que vai procurar emprego... Caso o filme contenha amizades mais "fortes", casamento ou outra relação mais afetiva entre duas pessoas, o sexo não ocorrerá ou será punido pelo diretor. Sexo transforma no seu avesso, ao invés de encontro, desencontro — o afeto do qual é portador se apresenta como solidão a dois, ou três, ou quatro...

2) a questão sexual se reduz à questão genital, tomada do ponto de vista geométrico e/ou aritmético: importam o tamanho do pênis, a precisão arquitetônica dos seios, nádegas; o número de relações e orgasmos possíveis, a quantos orifícios *per capita* é possível penetrar em uma unidade de tempo, enfim, à ausência radical de critérios afetivos para a relação sexual, ou, dito de outra forma, a sexo como único critério. A presença da relação sexual é sinônimo de "felicidade", a ausência como desgraça, motivo de chacota e sátira.

Não sou eu que me repito, são eles. De novo a multidimensionalidade, todo o carinho, todas as fantasias do sexo são reduzidas, literalmente, até à eliminação de todo seu significado.

Por que tanta pobreza, tanta economia de significado?

Há duas razões, uma intrínseca e outra de caráter mercadológico. Começemos pela última: o produtor não pode, literalmente, realizar um

filme especialmente para Wanderley Codo, ou para você, leitor. Ele precisa trabalhar com a necessidade de um ponto de vista genérico, inventar uma espécie de termo médio entre as nossas fantasias, o que só pode ocorrer pela via de pasteurização e implica uma negação do próprio conteúdo da fantasia.

Mais importante ainda é o fato de o comércio de fantasias pressupor de antemão o desejo genérico, sob pena de se tornar estéril financeiramente, incompreende o que há de universal no desejo, ou seja, seu caráter sexual estrito (genital). Por que é esta universalidade que permite ao capitalismo prescindir do outro concreto, um erotismo sem face, sem nome ou identidade.

Vejamos o que ocorreu; as fantasias sexuais, filhas que são do meu encontro, passam a substituí-lo, ou não se realizam enquanto mercadoria. É sexo "sem" objeto. Sonho sem personagem.

Quando se reinventa a fantasia na ausência da pessoa que a compõe, ao invés de alimentar a minha relação com o outro, ela até a debilita, transformando o encontro sexual no seu avesso. Ora, a mulher que, no cinema, realiza o sexo que eu quero não existe e, apesar disso, começa a fazer parte dos meus desejos, passo a buscar nas relações concretas o sexo que o cinema transformou em meu sonho, meu projeto, mas que, por isso, não se encontra fora das telas. Eu me deito com uma pessoa real e busco nela um sexo abstrato.

Em uma palavra, com a pornografia, estou comprando a minha frustração, quando transar com Maria dos Anzóis Pereira, ela nunca preencherá os meus anseios porque eles se desdobram de um mito, uma mulher que é uma fotomontagem de um estúdio cinematográfico qualquer. Mas, é mais do que isto, quando eu me deito com Maria dos Anzóis Pereira, trago um desejo que não é dela, que é elaborado na minha solidão, produto das representações inculcadas pela pornografia. Realizo o avesso do sexo: ao invés de encontro, a solidão. Trata-se da transformação do sexo em desencontro, transformação da construção em destruição.

Quando nos referimos à prostituição ou à pornografia é comum ouvirmos que o sexo é tratado como se fosse apenas animal. Ora, não há nada mais humano do que a prostituição e a pornografia, mas em um certo sentido essas afirmações têm sentido, pois, como dizíamos no começo deste capítulo, o homem está condenado a encontrar o biológico através do humano.

O sexo tornado mercadoria se encontra perante a tarefa de realizar o biológico pelo biológico, com métodos de elaboração que são humanos. Utiliza-se para isso das fantasias estritamente humanas e das relações sociais de produção: mercadoria, consumo, produção para realizar o biológico *stricto sensu*, e, com isso, nega o humano. Portanto, desrealiza o biológico ao invés de realizá-lo

o resultado do sexo tornado mercadoria é esta sensação de vazio, frustração e solidão, resultante de um sexo que não soube encontrar o outro, porque partiu em busca de si mesmo.

Trata-se do mesmo processo de alienação, agora atingindo o domínio das fantasias. A busca do prazer me constrói duplamente, enquanto o meu prazer me torna mais parecido comigo mesmo e, depois, porque a busca me impele ao outro, promove o encontro, a cumplicidade. Quando as nossas fantasias são transformadas em mercadoria, elas nos destroem duplamente: inventam um outro homem dentro de mim (que não sou eu), porque recriam o meu desejo à minha revelia, um outro sexo infiltrado em meus instintos e, além disso, me condenam a viver em busca obcecada de um prazer que não existe, não tenho e não terei porque é, já de partida, ilusão.

Mais uma vez, o produto se desgarrar do produtor e, por isso, se volta contra ele. Minha fantasia se apresenta a mim como um ser estranho, independente, alienado.

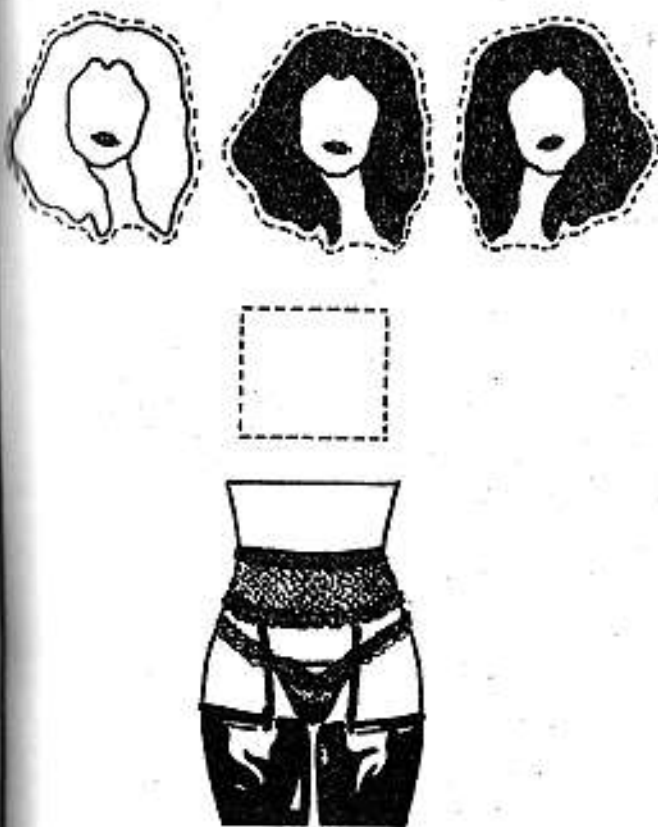
Condenado a realizar o animal que carrega em si pelo modo social de ser, o homem se encontra, enquanto ser biológico, quando nega o animal que é. Ao fazer do animal, no homem, um produto à venda no mercado, o capital rouba do sexo o gesto humano e entrega o animal à sua própria sorte, o exacerba ao mesmo tempo que retira dele os meios de realização, como um monstro sem face. O Id.

O capítulo sobre sexualidade está aqui para dar uma idéia da abrangência que o problema da Alienação atinge. Não poderia ser de outra forma. A transformação do movimento *hippie* em, por um lado, "indústria de artesanato" e, por outro, propagandistas das redes internacionais de traficantes já demonstrou há muito tempo (bem antes de John Lennon decretar o fim do sonho), que o homem não pode escapar do sistema em que vive por um ato de consciência individual.

É ainda sobre esta abrangência que eu gostaria de me deter. É que, por falta de espaço ou ignorância, alguns problemas cruciais não puderam ser tratados aqui, e talvez seja melhor apenas apontá-los do que omiti-los.

1) Quais são as relações entre a loucura e a alienação? Lembremo-nos de que a loucura também é chamada de alienação. Parece-me impossível renegar sua dimensão política, ruptura intrínseca com um sistema econômico intransigente. Ou o trabalhador que deu certo? Em outras palavras, o suicídio é um ato de covardia ou de coragem? A denúncia flagrante da perda de si mesmo é a tentativa mágica de recuperar a si mesmo?

Provavelmente as duas coisas ao mesmo tempo. A constatação que aliás não nos leva muito além de onde estamos. É preciso muito mais do que idêntico ficar o mistério, urge compreendê-lo. Como? Não sei. Sei que estaremos longe de entender



porque recriam o meu desejo à minha revelia...

loucura se insistirmos em considerá-la como divorciada do modo de ser do homem, do trabalho, da produção, das relações de produção.

(2) E quanto à linguagem? A palavra representa o mundo na sua ausência, por isso traz em si a possibilidade de compreensão e traição da natureza.

A gíria, por exemplo, sempre foi o modo de dizer o não dito. "Ingerir uma dose de aguardente" nunca foi sinônimo de "beber cachaça", pois cada uma das expressões se insere em um universo qualitativamente distinto, elas são portadoras de vida diferente, são gestos diferentes. No entanto, certas gírias se transformaram em formas de incomunicação. A palavra "curtir", por exemplo, aparece sempre quando não há o que dizer, ou fazer, invertendo a função esclarecedora que a gíria carrega em si.

Por traz de todo o mistério das palavras ditas e não ditas revela-se o fazer humano.

3) Alienação e inconsciente. Freud garante que trazemos em nós um outro que nos escapa, do qual somos porta-vozes involuntários. Mas o que será o inconsciente? O homem privado de sua existência pela voz do outro ou o ser social do homem, castrado pelo animal que a alienação reinventa?

Em uma palavra: Existem mais mistérios entre o trabalhador e o seu produto do que supõe mínima introdução à Alienação.

A CONTRADITORIEDADE DA ALIENAÇÃO

A esta altura do percurso já podemos fazer uma espécie de *replay* para discutir um outro aspecto do problema da Alienação, sua outra face oculta.

Vimos da constatação de que o Homem é filho do seu trabalho, aliás como qualquer animal (roedor, mamífero ou outro) se distingue pelo modo como sobrevive. Nós, como sobrevivemos na medida em que transformamos a natureza à nossa imagem e semelhança e somos transformados por ela, temos, no trabalho, nosso *logos*, nosso modo de ser. Pudemos constatar que "a cobra morre do próprio veneno", o desenvolvimento das relações de produção, por sua vez produtora da humanidade, nos arrastou até à alienação, privou-nos de nós mesmos.

Raciocinemos pelo absurdo. O "homem alie-

nado" é um estranho perante si mesmo, perante o outro, perante a sua historicidade. Produz e não é dono do produto do seu trabalho, se realiza num produto que, ao se voltar contra ele, o desrealiza, enfrenta como inimigo seu ser inorgânico; a natureza hominiza. A constatação se estende por toda sociabilidade humana, cada gesto de consumo, de fantasia. O que sobrou do ser humano?

Ora, a rigor o processo de alienação radical corresponde à *morte* no sentido psicológico, social e mesmo físico. No entanto, você olha para si mesmo e descobre, estarrecido, que não morreu e, felizmente, estar vivo não é privilégio seu, mesmo o operário mais desqualificado, enfiado até o pescoço em uma fábrica, num trabalho repetitivo, continua vivo e você pode vê-lo nas ruas, dentro do ônibus, em greve, indiscutivelmente VIVO! O que está acontecendo?

Eu bem que lhe avisei no começo desta nossa caminhada: "alienação é *ser e não ser ao mesmo tempo*". Não adiantou muito, não é? O problema é que estamos bastante acostumados a pensar de forma mutuamente exclusiva: A significa *não A*, *ser* significa *não ser*, e assim por diante. Mesmo quando a vida nos ensina que ela mesma *é e não é*, tendemos a reduzir a lição a uma dicotomia simples.

Aqui é impossível manter o vício, qualquer tentativa de pensar na alienação de forma escludente (alienação de um lado, consciência de

outro, por exemplo) nos leva ao absurdo ou, pelo menos, a grandes enganos. Valerá a pena aprofundar esta questão. Voltemos à fábrica.

A indústria trouxe no seu ventre o sindicato, a greve, o partido de classe revolucionário. Os historiadores consideram data-marco do surgimento do capitalismo o ano de 1848, porque Marx publicava o manifesto do Partido Comunista, onde se lê: "A indústria, em seu desenvolvimento, não só aumenta o número de proletários mas também os concentra em massas consideráveis, sua força aumenta e adquirem maior consciência da mente".

Mais adiante: "A burguesia proporciona aos proletários os elementos de sua própria educação, ou seja, armas contra ela mesma".

Quanto mais o trabalho se despersonaliza através da simplificação excessiva nas linhas de montagem, mais o trabalhador individual se despersonaliza enquanto sujeito e, ao mesmo tempo, mais se identifica não apenas subjetiva, mas também objetivamente com os seus pares — está consolidado o caminho para a consciência de classe, consciência produzida (quem diria!) com os mesmos meios que produziram a alienação.

Quanto mais de massa for o consumo mais os homens se identificam entre si por necessidades comuns, aptos portanto a uma luta comum pela retomada do próprio destino.

Quanto maior a proliferação da pornografia,

mais difícil fica convencer a mulher contemporânea a se satisfazer com o "doce papel de rainha do lar".

Aqui dois exemplos são particularmente interessantes: é comum vermos um operário que se esforça por sair da condição de "não qualificado" e procurar outros técnicos que o capacitem a ocupar postos mais especializados, por exemplo, sair da linha de montagem e se tornar mecânico de manutenção (responder pela manutenção das máquinas) ou ferramenteiro (construção de peças, moldes ou ferramentas) ou controlador de qualidade.

É também comum ouvirmos a seguinte análise: "Um operário que age assim é vítima de uma armadilha ideológica. O sistema capitalista, para sobreviver, precisa que o conjunto dos cidadãos assuma os seus valores, e por isto acena ao trabalhador com a promessa de ascensão social, levando-o à aspiração de abandono da sua classe social (aspiração, de resto, fantasiosa, pois a mudança de classe é impossível) mas atende a uma necessidade do sistema capitalista que demanda operários bem-comportados, deslocando a energia que deveria ser gasta na reivindicação e, ainda mais, dividindo a classe operária na medida em que instaura ambições diferentes no seio de pessoas identificadas em princípio entre si".

Eis um ótimo exemplo de como algumas meias verdades, quando reunidas, formam uma escan-

carada mentira.

Quando ouço coisas semelhantes costumo responder: quem sofre de uma cruel armadilha ideológica é o autor de tal "análise", pois não há nada que traduza melhor a "falsa consciência da burguesia" do que a assertiva segundo a qual o operário é um idiota, fácil vítima de um ardil maniqueísta e simplório como este.

Senão, vejamos: 1) a motivação mais clara para a mudança de cargos é singela, trata-se de salário, casa e comida, coisas que não podem ser confundidas com "ilusão de classe"; 2) quando a fábrica divide o trabalho com o objetivo de simplificá-lo ao máximo, nem por isso escapa o velho princípio da física: "Na natureza nada se perde, nada se cria, tudo se transforma". Em outras palavras, a habilidade retirada da linha de montagem terá de se alocar em outro sítio. Por exemplo, o controle de qualidade é produto da divisão do trabalho e, ao mesmo tempo, reapropria em uma seção o conhecimento do produto inteiro roubado de cada posto de trabalho na linha de montagem; o mesmo ocorre com o mecânico de manutenção e o ferramenteiro.

Ora, quando o operário busca este conhecimento, o salário está recuperando o domínio técnico sobre o produto, lutando, portanto, contra uma das faces que a alienação assume: o roubo do significado do gesto. Essa recuperação do significado do próprio trabalho assume uma dupla

perspectiva, tanto técnica quanto social. Tecnicamente falando, estes postos de trabalho, por definição, recuperam um conhecimento de todos os setores da produção, que acabam implicando maior consciência sobre o próprio processo de trabalho. Socialmente falando, a relação se repete, o operário entra em contato mais ou menos direto com os seus colegas.

Deve ser isso que explica o fato de que exatamente os operários mais qualificados são também os que mais participam da luta sindical, incluindo reivindicações e greves. Há casos em que o setor qualificado exerce literalmente a liderança, fato que, do ponto de vista econômico, *stricto sensu*, seria inexplicável, pois os mais qualificados são exatamente a parcela do proletariado melhor assalariado, já dispendo de uma série de equipamentos básicos de sobrevivência, tais como casa, automóvel e, portanto, não interessados em uma reivindicação do ponto de vista da sobrevivência imediata.

É evidente que existe uma relação ideológica *pari passu* ao problema da recuperação do controle na tentativa de ascensão a postos na fábrica, mas o que é importante é exatamente ressaltar esse seu duplo caráter: ao mesmo tempo que o sistema obriga o operário a lutar pela ascensão (e isso pode comprometê-lo ideologicamente), também implica uma recuperação de controle que pode aumentar a sua consciência social.

Outro exemplo que gostaríamos de discutir é o que se pode chamar genericamente de modismo: calças *jeans*, o cabelo cortado de determinada forma, vestimentas. São, em geral, modos utilizados por adolescentes, que rapidamente tomam a característica de uma febre de consumo, uma calça de determinada marca passa a ser procurada preferencialmente e significa *status* perante os jovens que a usam.

Na minha época de adolescente, um modismo que marcou a nossa geração, com essas características, foi a calça *jeans* desbotada. Hoje poderíamos encontrar vários exemplos do tipo. Todos nós comprávamos calças azuis como as que se usam hoje, e depois, a submetíamos a um rigoroso tratamento com água de lavadeira até que parecessem velhas. Lembro-me bem de uma fábrica que elaborou uma publicidade explicando que a calça que fabricava tinha o DOM de desbotar; deve ter aumentado bastante suas vendas.

Os "ideólogos" de plantão imediatamente ameaçaram os adolescentes com o dedo em riste, tratava-se de "uma despersonificação", a perda da identidade do jovem brasileiro submetido a padrões estéticos internacionais, sintoma da existência de uma juventude alienada que, em vez de voltar-se para a crítica da sociedade de consumo, fazia do consumo o seu modo de ser.

Outra vez meias verdades. Em primeiro lugar, a internacionalização dos hábitos de consumo não

é produto desta ou daquela consciência, mais ou menos alienada, ao contrário, trata-se de uma imposição do modo imperialista de produção, uma exigência econômica, com idade bastante para ser entendida pelos nossos intelectuais. Em segundo lugar, o que está acontecendo no caso é uma modificação do produto industrializado à imagem e semelhança de um grupo, que é posto à margem das decisões sociais. Ao banhar com água de lavadeira sua calça, o adolescente da época realiza um exercício de reapropriação do consumo, em vez do consumismo tão cantado em prosa e verso.

É evidente que, como em qualquer ato dentro de uma sociedade capitalista, o componente alienado permanece presente, principalmente porque em sua gênese está a produção industrial, e a seu termo se reencontra a possibilidade de reapropriação por esta mesma sociedade industrial, mas daí a considerar o modismo como intrinsecamente alienado e alienante vai uma distância tão grande que só quem tem a cabeça nas nuvens não é capaz de enxergar.

Outra questão qualitativamente distinta é o questionamento, possível e conseqüente, sob o grau de eficácia desses atos, em intervir de maneira conseqüente no processo de alienação. Discutiremos sobre isso mais adiante. Por ora basta ressaltar que a pergunta é de natureza política no sentido estrito de correlação de forças. Se um jovem se tornará menos alienado porque adere ou não a

um modismo, se um operário restringe seu estranhamento perante o produto, quando recompõe a nível da técnica o conhecimento sob o processo de produção são perguntas cuja resposta depende, em grande parte, do nível de propaganda política a que as vanguardas organizadas têm acesso. Por sua vez, uma propaganda política eficiente depende também do nível de conhecimento que se tenha sobre o fenômeno em questão. Se ressaltar aqui o caráter contestador destas práticas pondo em relevo, portanto, o seu duplo caráter de alienação e conscientização, ao mesmo tempo, é porque tem sido escandaloso o vício das elites pensantes brasileiras em tapar o nariz à realidade e esbravejar contra o progresso, fazendo de conta que protesta.

A alienação sempre toma a forma de luta, de um processo quase mágico onde cada face expõe e reapresenta o seu avesso. Alienação gera consciência, que gera alienação, que gera consciência...

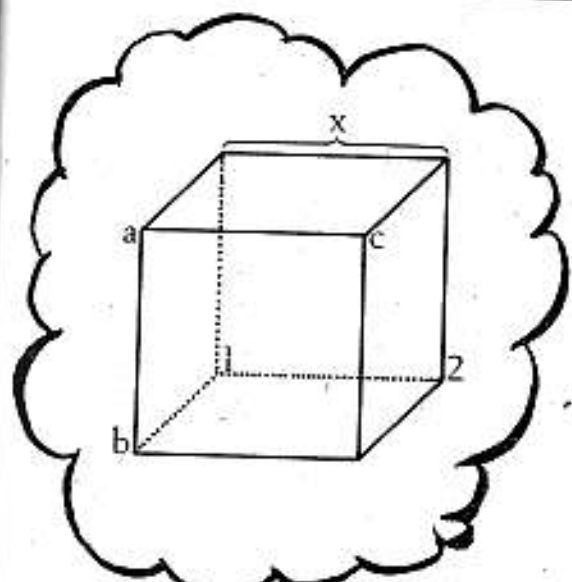
Vale a pena olhar essa dança mais de perto. Tomemos um trabalhador. Sua entrada na fábrica é um ato que toma ao mesmo tempo o caráter de liberdade e de escravidão; abandona o papel de consumidor passivo dependente economicamente do salário da família, portanto obediente à hierarquia doméstica, para começar a fazer parte do processo de produção. Passa a vendedor de força de trabalho, o que o insere ativamente na economia do país e, por outro lado, aumenta a

sua possibilidade de decisão sobre o seu próprio destino.

Podemos afirmar sem susto que esse é o momento em que, considerando-se alienação e consciência de forma polarizada, caminha-se no sentido da conscientização.

Por outro lado, sua inserção como força de trabalho implica uma expropriação do gesto; seu comportamento passa a depender da estrutura da fábrica e, principalmente, o produto de seu trabalho se separa do autor. O operário não é dono do ser exteriorizado que cria na natureza. Eis o processo de alienação na sua acepção mais clássica. Vejamos: ocorreu ao mesmo tempo um movimento de ser e não ser — alienação e consciência. E agora? Podemos ou não dizer que o operário é um ser alienado? Dito de outra maneira, parecemos que a própria discussão sobre alienação perdeu o significado, se a todo momento ela se realiza e se desfaz. Que sentido tem enquanto instrumento de compreensão da realidade, se parece significar apenas um exercício de retórica?

Ledo engano! Podemos, sem dúvida, ou melhor, devemos afirmar que este operário se encontra alienado. Simplesmente porque o que é essencial para a sua própria sobrevivência jaz radicalmente fora do seu controle, houve uma ruptura entre o produto e o produtor do trabalho humano, pela via da transformação do próprio trabalhador em mercadoria. Tal constatação, apesar de óbvia, não



*Alienação gera
consciência que
gera alienação
que gera consciência*



nos autoriza a fazer "ouvidos de mercador" à complexidade que o tema encerra, principalmente porque, se é verdade que a alienação tem seu berço na economia, é igualmente verdade que terá seu enterro engendrado pela política, e aqui caminhamos por um terreno minado onde cada erro de interpretação pode ser fatal.

Adiante, que o caminho é cheio de surpresas a cada passo. Inserido o trabalhador no sistema de produção, inicia-se, imediatamente, uma luta surda, em que de um lado está o capital, incumbido por missão e método de expropriar o trabalho; e do outro, o trabalhador, forçado pela própria necessidade de sobrevivência e/ou subsistência a reapropriar-se de si mesmo.

Tive oportunidade de estudar por dois anos uma fábrica metalúrgica de aparelhos eletrodomésticos. Gostaria de resumir algumas conclusões a que cheguei. Em todo momento em que o trabalho se desenvolve ocorre a disputa a que nos referimos acima. Na linha de montagem o trabalho é dividido e cronometrado eletronicamente, por esteiras que passam à frente do trabalhador e distribuem a tarefa a cada um deles. O tempo, portanto, é controlado de fora da produção.

A maior parte dos trabalhadores tinha 30 segundos para inserir componentes eletrônicos em uma chapa. Ocorre, que os trabalhadores, na sua grande maioria mulheres, utilizam 30 ou 25 segundos de forma coordenada para inserção de compo-

nentes e conversam literalmente durante os outros dez segundos, em um "papo" interrompido cada vez que a esteira se movia. Mas a fábrica, preocupada em controlar esse tipo de inserção de burla do sistema, introduz um cronômetro, manipulado por um técnico da administração, medindo a cada tempo o trabalho. Se por acaso o ritmo da esteira estiver mais lento do que a capacidade física dos trabalhadores, a esteira será acelerada, e a produção se incrementa. Quando começa o uso do cronômetro o trabalhador quebra o seu ritmo de 25, e passa a utilizar os 35 segundos, cronometrados pela esteira.

Há também um código de ética complicadíssimo entre os trabalhadores, repleto de sanções a quem apresentar ao cronometrista um tempo mais curto que o definido. Se, por outro lado, o ritmo de produção é aumentado, ou seja, a esteira começa a passar mais rapidamente, o trabalhador erra propositalmente, fazendo cair o nível de produção, para que se retorne ao ritmo anterior. Aqui se trata de uma disputa de segundos, onde a autonomia de uma conversa entrecortada ganha a dimensão de luta agerrada pela sobrevivência.

Ainda do ponto de vista do tempo utilizado para produção, um outro local de disputa é o banheiro; impossibilitada de impedir que o operário satisfaça suas necessidades biológicas, a fábrica é obrigada a ceder alguns minutos para que o operário se desloque até o reservado. Estes minutos

são controlados rigorosamente por ambos os lados, o operário procura utilizar um pouco mais de tempo do que lhe é concedido, enquanto a fábrica procura meios de controle que denunciem se o operário gastou mais tempo no banheiro. É muito comum que o banheiro seja utilizado para reuniões rápidas, e já houve casos de movimentos paredistas que foram organizados ali; a greve, as reivindicações salariais, os panfletos. Houve inclusive um caso em que o gerente da fábrica mandou cortar a parte inferior e superior das portas dos reservados, de maneira que se poderia vigiar de fora o que um operário estaria fazendo lá dentro. O fato gerou revolta, que culminou em uma greve, uma das reivindicações centrais era a recomposição da porta do banheiro, e a restauração da privacidade do operário.

Mas, nem só de produção vive a fábrica. É também necessário que ela cuide para que as condições de produção permaneçam em níveis razoáveis, ou seja, é preciso que se possibilitem relações sociais de produção visando a continuação dela mesma. Isto na prática implica um conjunto bastante rígido de normas que envolve desde a circulação do trabalhador pela fábrica até o seu hábito de higiene, incluindo a forma como se veste, como fala ou come.

É fácil compreender quando uma instituição com um número bastante grande de pessoas (a fábrica que estudei tinha cerca de 7 mil operários)

tenha de estabelecer normas para a "boa" convivência entre eles. O problema é que estas normas, assim como o produto de trabalho, são elaboradas na ausência radical do trabalhador, que não interfere ou participa na determinação de sua própria movimentação dentro da fábrica. Tenho comigo um manual de higiene para os trabalhadores, distribuído no primeiro dia de serviço, em que às mulheres se estabelece regras até para se desfazer do "modess", já usado durante o período de menstruação, e ainda, um manual que determina de que comprimento devem ser os cabelos dos operários, para que não infrinjam os regulamentos, evitando acidentes dentro da fábrica. É lógico que há razões técnicas indiscutíveis para que cada uma dessas normas exista. O problema é a forma burocrático-autoritária como essas normas são impostas, sem distinguir, por exemplo, a segurança do trabalhador da manutenção do patrimônio.

Aí a mesma luta encarniçada se observa. Vale a pena um relato sucinto, pelo operário, dessa relação de normas que determinam a relação de produção. Trata-se de uma polêmica gerada porque um operário resolveu tomar café.

"Foi a maior encrenca. Eu fui parar na mesa do chefe, todo mundo ia tomar café, por que eu não, aí eu falei: Vocês falam que eu fui tomar café, claro, eu fui. Mas, se dissesse que não fui vocês não teriam prova, porque vocês não me viram lá e não teriam provas... Na saída do

portão eu dei de cara com os chefes, claro, eu não tô fazendo nada de errado, todo mundo tem direito, eu fui. Quando eu cheguei na seção, o contramestre vai lá e me chama com o dedinho assim (faz o sinal) — o que é? Vamos lá na mesa, chefe... Aí o chefe falou, falou mais ou menos uns 10 minutos, num tom alto mesmo, de me demitir, de justa causa, isto, aquilo, que eu sabia que não era permitido, tal e tal; e eu calado lá. Mas pode crer, a gente sempre sente assim um acesso de nervos quando vai num lugar que não está acostumado, não é? Mas o cara me recebeu dessa maneira e eu não modifiquei nada, fiquei na minha, como se estivesse aqui conversando com você de pé escutando, e o cara lá bam, bam, bam; aí ele deu uma pausa e eu falei: Se um funcionário está aqui há trinta anos, ele tem direito de tomar café, um que entra hoje pertence à mesma seção ou à mesma companhia, tem os mesmos direitos, porque os direitos são iguais... Também não falei que foi o carinho, porque aí eu ia dedurar meus próprios companheiros de trabalho, eu fui apenas defender a minha situação. Aí, descasquei mesmo, falei que havia muita coisa errada."

Em seguida, esse trabalhador voltou para seção com ares vitoriosos, reuniu a turma, sistematizaram suas reivindicações e organizaram uma proposta para tomar café, que foi aceita pela fábrica, e se constituiu uma verdadeira vitória

sindical, pelo menos do ponto de vista do meu entrevistado.

— Poderia contar várias histórias em que a luta pela desapropriação do ir e vir, direito do operário, pela fábrica, é a luta pela reapropriação teve finais bastante claros no sentido de organizar os operários e forçar reivindicações, inclusive de caráter salarial. Mas, a história de Jafson, o operário que citamos, basta para mostrar o grau de complexidade e de radicalização que o relacionamento social toma na fábrica.

Em síntese, quem estiver interessado em estudar seriamente o problema da alienação, se encontra perante uma dupla contradição. De um lado (intrinsecamente ao próprio processo) ocorrem dois movimentos, o de ruptura do indivíduo com o seu próprio destino e o de reconstrução de uma unidade nova, uma síntese da ruptura anterior, que, de certa forma, reapresenta as possibilidades de rompimento dessa mesma alienação. A fábrica, ao mesmo tempo, cria a divisão do trabalho que aliena o operário.

Por outro lado, ocorre uma contradição externa: cada movimento do capital no sentido da eliminação do trabalhador enquanto sujeito tem como contraponto obrigatório a luta do trabalhador pela reapropriação do próprio gesto. Para quem procura entender o processo, as armadilhas são muitas, e os riscos maiores, de se confundir o movimento do trabalhador como consequência

da alienação, quando na verdade trata-se de um movimento de rompimento dessa relação. Procurei frisar a luta do trabalhador pela ascensão ressaltando este caráter duplo, que se insere, tanto no ponto de vista *interno* do próprio problema que estamos examinando, quanto do ponto de vista *externo*, onde a consciência do trabalhador e o modo de ser do capital entram em luta a partir do momento da sua própria existência. Logicamente, porque um se define em antagonismo ao outro, o trabalhador existe enquanto ser expropriado do próprio produto, porque o capital existe. E, o capital por sua vez, só se mantém às custas da expropriação do trabalho alheio.

Toda espécie animal sobrevive à medida que consegue adaptar-se ao meio, transformá-lo à sua imagem e semelhança e ser transformado por ele. Ocorre que o meio ambiente do homem é o próprio homem. Somos um ser social, portanto nossa sobrevivência depende da possibilidade de transformar o outro e de ser transformado por ele, só assim pode-se entender o grau de energia que uma criança, por exemplo, gasta para controlar o comportamento de sua mãe, mesmo às vezes com riscos da própria fisiologia, quando, por exemplo, interrompe a alimentação para ganhar mais carinho e atenção. Estamos, portanto, condenados a realizar a nossa individualidade pela via do outro, somos o que somos, na medida em que somos o outro. A luta do ser humano através da

história poderia ser definida como a luta pela apropriação coletiva do próprio destino ou pela realização individual e coletiva do homem, o que implica necessariamente um jogo de apropriação e desapropriação desse e do outro.

Na sociedade escravista, o escravo, literalmente, não existia enquanto sujeito, era uma peça do trabalho a ser descartada quando dava defeito, mal sobrevivia, era chicoteado e utilizado para todos os desejos do senhor. Na sociedade capitalista, o trabalhador existe, é um cidadão livre, mas vende a sua força de trabalho. Sem dúvida, estamos bem melhor do que na época dos escravos, hoje o capital não dispõe do trabalhador na sua vida doméstica, pelo menos diretamente.

Ao engendrar a expropriação do trabalho, a sociedade capitalista cria condições para o socialismo, ou seja, para a luta pela apropriação coletiva dos meios de produção. Uma sociedade onde eu e o outro somos iguais perante nós mesmos e, portanto, nossa individualidade pode emergir com toda a força e a poesia de que o ser humano é capaz. Mas, mesmo ali, não se iludam, continuaremos nos perdendo e nos encontrando, em nós mesmos e nos outros, só que cada gesto de perda e de reapropriação é voltado para a realização do ser humano como um todo. Trabalho apropriado por quem o produz.

Alienação e senso comum

Iniciamos nosso trabalho com o senso comum, retomamos a ele.

O vocábulo "alienação" tem sido tão usado quanto o vocábulo "democracia", e quase tão distorcido quanto ele. Virou ofensa, xingamento, essas coisas que são muito comuns no filho do vizinho. Se você assiste muito televisão, é um alienado. Se não assiste, também. Se alguém insiste em se vestir diferente é um alienado, idem, se usar terno e gravata. A lista é interminável.

Essa generalização ampla, geral e irrestrita da palavra alienação que o senso comum promoveu, denuncia, pelo menos, dois fenômenos: em primeiro lugar, uma preocupação também generalizada com o problema e, não menos importante, a falta de compreensão do assunto.

É verdade, como já demonstramos, que o processo de alienação se estende por todos os espaços que a mercadoria atingiu, mas não dá forma como indica o senso comum. É preciso repor o boi adiante do carro. Vejamos:

1) embora o processo de alienação sempre implique uma alteração da consciência, isto não nos permite dizer que a alienação seja um produto da consciência humana (embora muita gente já tenha escrito isto em letra de forma). Através de um exemplo, posso esclarecer melhor. Imagine

dois trabalhadores: o primeiro sequer sabe que está alienado, acha natural que não participe dos lucros e/ou da mordomia do patrão, espera a morte para viver feliz no céu, justifica sua morte por ela mesma; o segundo é um militante sindical, membro de um partido revolucionário, luta por eliminar a "exploração do homem pelo homem". Os dois trabalham na mesma seção, na mesma fábrica. Qual dos dois é alienado? Você poderá ter respondido, o primeiro, não? Pois teria errado, os dois estão igualmente alienados, a diferença é que o segundo luta contra a alienação, sabe a causa dos seus males e como superá-la. Mesmo assim, os dois sofrem do mesmo mal, estão alheios do produto do seu trabalho, seus gestos são alugados para o dono da fábrica como uma mercadoria qualquer. Em outras palavras, se na luta contra a alienação bastassem as armas da palavra, há muito tempo os pedagogos teriam nos trazido a felicidade. Óbvio que não podemos subestimar o poder da consciência em transformar o mundo, mas daí a imputar-lhe o papel de exclusivo agente de mudança é administrar um remédio que pode matar o doente. Em síntese, não confunda a alienação, um processo econômico, com a consciência fragmentada que a alienação produz;

2) quando os estudantes começam a tomar consciência do mundo que os cerca, não raro, desenvolvem paralelamente uma certa estereotípiia no vestir, marcada pelo despojamento. É o pessoal

da "calça rasgada e do chinelo de dedo", cabelos cuidadosamente despenteados, nenhum adereço, nada de maquiagem nas mulheres, calça *jeans* e camiseta para os homens.

Esteticamente não tenho nada contra o "modismo" da "antimoda", sempre preferi a cor dos lábios de verdade à cor que a Max Factor acha que os lábios das mulheres devem ter, o problema é quando a estética ameaça se vestir com uma argumentação programática (pseudo)revolucionária, o que não é raro.

Grosso modo, a fraseologia é a seguinte: "trata-se de um protesto contra a sociedade de consumo, sinônimo de alienação". Houve até um autor ideólogo do movimento *hippie*, não me lembro o nome, que ao escrever um livro ensinando os seus adeptos a viver sem consumir, viu-se perante a contradição singela: "Como vender um livro contra o consumo?" Não teve dúvidas, a obra chamou-se *Roube este livro*. Senso de ridículo à parte, gostaria que os ideólogos de costumes me dissessem qual a diferença entre o consumo de uma camiseta devidamente "emblemática" e um *collant* de lycra.

Agora, falando sério, o rabo passou a abanar o cachorro. O consumo é apenas uma das faces do processo de produção, que por sua vez é responsável pela alienação; como já vimos, o produto alienado gera o consumo alienado, o que não significa que podemos candidamente LUTAR

CONTRA O consumo, isoladamente, e ostentar, por isso, o galhardão de revolucionários.

Eis um engano que faz história, faz tempo que a visão da árvore impede de compreender a floresta, como dizia Hegel. Dos "luddistas", no início da revolução industrial, que quebravam as máquinas, por serem elas as responsáveis pelo desemprego, aos terroristas atuais, quando julgam que a morte de um explorador elimina a exploração. Do movimento *hippie*, na década de 60, que sonhou em se libertar da opressão econômica, quando apenas virava de costas para ela, até o "pessoal do sanduíche de alface", que acredita honestamente que, misturando vários produtos industrializados, pode inventar a "comida natural". O erro consiste, quase sempre, em tomar um dos aspectos da trama que envolve as relações sociais de produção e absolutizá-la, como se por si pudesse representar a fronteira entre a escravidão e a liberdade;

3) um outro engano do ab-uso irrestrito do conceito de alienação é mais sutil. Trata-se do que poderíamos chamar de "participologia", a crença disseminada de que a participação resolve todos os problemas e a alienação em particular. Me parece que o equívoco tem raízes históricas. Tantos anos fomos impedidos de participar de qualquer coisa que, para criar anticorpos ou por saudosismo, acabamos afirmando que a "participação" assim, genérica e sem determinar onde e

como, seria o bálsamo milagroso, remédio para todos os nossos males.

Vejamus um caso concreto. Há algum tempo, algumas pessoas empreenderam um movimento contra a alta do preço da carne; tratava-se de um boicote ao consumo, que deveria resistir, até que os açougues reduzissem o preço ao consumidor.

Ora, se o modo de luta contra a alienação é a "participação", eis aqui um modelo exemplar: objetiva tomar o controle do consumo nas próprias mãos, através de uma ação coletiva organizada, "consciente" dos seus direitos.

Quem leu os jornais da época sabe os resultados: veículos de comunicação de massa tradicionalmente reacionários, desses que vivem a fingir que a oposição não existe, começaram a prestigiar o movimento e pasmem! — o próprio governo resolveu incentivá-lo! Com amigos assim, quem precisa de inimigos?

Até os mais ingênuos perceberam o que ocorria: a política financeira internacional se rege pela pressão sobre o país para que exporte cada vez mais e mais barato (exportar é o que importa, já foi seu *slogan*), para que se mantenha a economia imperialista funcionando às custas do arrocho dos países que, como o Brasil, têm economias dependentes. O movimento de boicote da carne permitiria que o produto pudesse permanecer, ainda mais, disponível para exportação, favorecendo portanto o arrocho nas condições de vida do

brasileiro. O exemplo fala por si só, de nada adianta a participação política se ela não tiver como alvo o verdadeiro inimigo: as relações de produção, o capital.

Em resumo, o processo de conscientização, a rebeldia contra o cotidiano, a participação social e política têm um papel bastante importante na luta contra a alienação, mas tomadas isoladas e ingenuamente se assemelham àquela anedota do sujeito que, enfim, encontrou uma luz no fim do túnel. Só que era um trem que vinha em direção contrária.

Podemos agora retomar a pergunta inicial. O que é alienação?

Vimos que a sobrevivência do homem implica uma transformação da natureza e do outro à sua imagem e semelhança, o que impõe uma transformação de si mesmo à imagem e semelhança do mundo e do outro. Viver para o Homem é objetivar-se, ser fora de si.

A História, ou seja, o modo como os homens através do tempo organizam sua sobrevivência, impõe um duplo movimento, o exercício da autonomia *individual* através do modo de ser *coletivo*; ser o outro e reencontrar-se nele.

No estágio atual, capitalismo, o trabalho já se encontra *coletivizado*, mas a posse dos meios de produção jaz *individualizada*, ou seja: o trabalho social é expropriado pelo dono solitário dos meios

de trabalho. A forma como isto se dá é a forma-mercadoria, o valor de uso se subverte em valor de troca.

A transformação do produto em mercadoria que gera lucro (mais-valia) demanda a transformação do próprio trabalho em mercadoria, vendida e apropriada como qualquer outra. Eis o reinado da alienação: o produto se separa do produtor, "enfrenta-o como ser estranho", meu trabalho, meu modo de ser no mundo não me pertence. Por esta via eu me separo de mim mesmo, do outro, da História.

Onde quer que o capital imponha relações entre mercadorias, a alienação se manifesta; é a relação social engendrada pelo capital, seu jeito de ser humano.

Sua existência determinada pela economia (razão) exige uma intervenção política (paixão) que destrua sua gênese (a posse individual dos meios de produção), que promova uma revolução na economia. Só a fusão dialética entre paixão e razão é capaz de organizar os homens, em outras palavras, só um partido revolucionário é capaz de fazer a revolução. Transformar nosso lamento em um novo e vigoroso canto.

INDICAÇÕES PARA LEITURA

Todo este trabalho foi baseado em Karl Marx. O percurso pode ser referido a partir de três textos: *Os Manuscritos Econômicos e Filosóficos*, publicado pela Alianza Editorial; *A Ideologia Alemã*, vols. I e II, publicada pela Editorial Presença, em Lisboa, e a Livraria Martins Fontes, em São Paulo, e escrito juntamente com F. Engels, e o livro I de *O Capital*.

No entanto, o tema alienação tem em sua história dois nomes anteriores, de suma importância: Hegel e Feuerbach.

O autor Leymert G. Santos escreveu para a Coleção "Primeiros Vôos", da Brasiliense, uma introdução compreensível da história do conceito: *Alienação e Capitalismo*, embora no final, em minha opinião, tenha interpretado erroneamente Marx.

Existem alguns textos que aprofundam o conceito de alienação, entre eles *Marxismo e Alienação*, escrito por L. Konder e publicado pela Editora Civilização Brasileira,

além de alguns outros que poderiam ser lidos com a consciência de que não se trata de esgotar o assunto.

Parece-me mais importante a leitura dos textos básicos de Marx, já citados, e de uma literatura que se desenvolveu paralelamente ao conceito de alienação. Refiro-me a Gyorgy Lukács, *História e Consciência de Classe*, publicado pela Editora Zahar; Agnes Heller escreveu *O cotidiano e a História*, publicado pela Paz e Terra; há, ainda, o texto intitulado *Problemas do Materialismo Histórico*, de A. Gramsci, publicado pela Editora Martins Fontes – Obras Escolhidas.

Um aprofundamento, em certo sentido, no conceito de hominização, discutido aqui, pode ser encontrado num livro que organizamos, junto com Sílvia Lane, publicado pela Editora Brasiliense, *Psicologia Social – O Homem em Movimento*.

Por último, uma indicação negativa. Quem estiver interessado em transformar o problema da alienação em uma salada indigesta, basta ler Erich Fromm – *O Conceito Marxista do Homem*, ou, do mesmo autor, *Marxismo e Alienação*. Fromm consegue um milagre: transformar o marxismo em uma teoria idealista.



Biografia

Wanderley Codo é um perguntador desde que se conhece por gente, o que não faz muito tempo (nasceu em 1951).

Desde 1975 sobrevive da mercantilização da própria ignorância, ou seja, é professor e pesquisador.

Atualmente se diverte em observar o trabalho alheio, sobre o que escreveu: "A transformação do Comportamento em Mercadoria", Tese de Doutorado pela PUCSP em 1981, organizou e é co-autor de *Psicologia Social – O Homem em Movimento*, Brasiliense, 1984. É professor pela UNESP em Assis, Departamento de Psicologia.

Caro leitor:

As opiniões expressas neste livro são as do autor, podem não ser as suas. Caso você ache que vale a pena escrever um outro livro sobre o mesmo tema, nós estamos dispostos a estudar sua publicação com o mesmo título como "segunda visão".